

Comercio Externo Independente Exigem os Interesses Nacionais

EDITORIAL

A chegada no porto de Santos de uma partida de 300 mil toneladas de trigo de procedência soviética, adquirida pelo Brasil à Finlândia e à Turquia, põe mais uma vez em foco para toda a nação a necessidade inadiável do estabelecimento de relações comerciais de nosso país com a U.R.S.S., e as democracias populares. Em sua entrevista de novembro do ano passado, Luiz Carlos Prestes afirmava que o restabelecimento de relações com o mundo do socialismo é uma medida que se impõe, que não pode ser retardada, sob pena de graves prejuízos para o Brasil.

O exemplo do trigo aí está, insofismável. Como se sabe, as transações do Brasil com o truste lanque Bung & Born são transações que na verdade dessangram a economia nacional, exigindo cada vez mais altas percentagens de nossas escassas divisas. Quebrar o monopólio do trigo, adquirir este produto vital ao nosso povo em outros mercados e em condições mais vantajosas, é o que reclamam, neste particular, os superiores interesses nacionais. Isto, aliás, ressalta das declarações feitas à imprensa pelo sr. Itagiba Barçante, presidente do Serviço Nacional de Trigo. Declarou o presidente do S.N.T., que o trigo soviético agora importado apesar de ser o mais barato já adquirido pelo Brasil, viria em condições ainda mais vantajosas se fosse comprado diretamente à União Soviética, e não através da Finlândia e da Turquia, países intermediários, aos quais foi destinada naturalmente uma considerável margem de lucro.

Este exemplo do trigo serve para mostrar mais uma vez, de modo irrefutável, que o isolamento a que é levado o nosso país em relação à U.R.S.S., e às democracias populares somente nos acarreta prejuízos crescentes. Sem dúvida, tal situação torna-se cada dia mais sensível e desperta a indignação de setores sociais sempre mais vastos. Um influente jornal como o «Diário de Notícias», por exemplo, refletindo a posição de ponderáveis camadas da indústria e do comércio, vem nos últimos tempos, em edições sucessivas, condenando a manutenção desse isolamento ruinoso à economia nacional, e insistindo na pergunta: por que motivo não restabelecemos as relações com os países do campo do socialismo, já que essas relações só nos trazem vantagens?

A resposta incontestável a esta pergunta está no Programa do P.C.B. Trata-se de que — como explica o Programa — o Brasil é um país dominado pelos monopólios norte-americanos, cujos interesses ditam, em todos os terrenos, a política levada à prática pelo governo de Vargas. Este é um governo que trai abertamente os interesses nacionais, não vacilando em transformar em leis do país as ordens dos trustes e do governo dos Estados Unidos. Uma dessas ordens é precisamente a que consiste em manter o Brasil sem relações normais com os países do campo do socialismo, capazes de colaborar com a nossa pátria e contribuir para o seu efetivo desenvolvimento, sem qualquer exigência discriminatória e na base de plena igualdade de direitos. A situação atual, sendo de calamidade para o Brasil, é a que convém aos monopólios norte-americanos.

A posição de traição do governo de Vargas, em relação a este como aos demais problemas nacionais, choca-se cada vez mais seriamente com os interesses da maioria esmagadora da nação. Camadas cada vez mais numerosas da nação vão se colocando, assim, contra a nefasta política dominante, podendo ser ganhas, portanto, para a luta ativa pela libertação de nosso país do jugo norte-americano. Um dos mais importantes aspectos desta luta é, hoje, a exigência do imediato restabelecimento de relações com a U.R.S.S., e as democracias populares — vitória que o povo unido poderá impor ao governo de Vargas, como já afirmava Prestes em sua última entrevista.

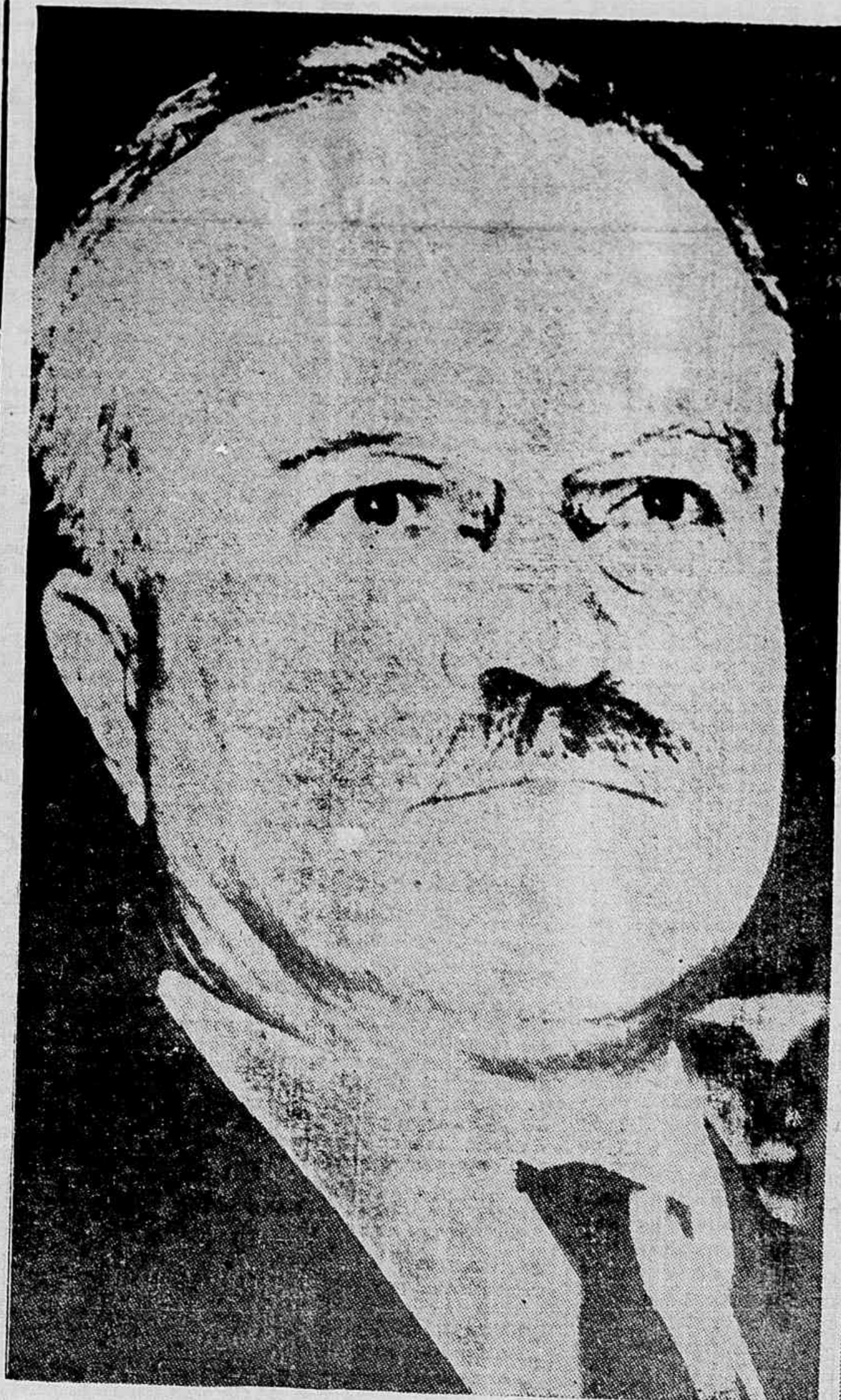
As discriminações feitas pelo governo de Vargas no comércio exterior de nosso país revelam uma das faces da dominação do imperialismo norte-americano no Brasil. Esta dominação é completa, verifica-se na vida econômica, política, social e cultural do país, e ameaça transformar-se em colonização total do Brasil. É com apoio no governo de Vargas, um simples instrumento a seu serviço, que os imperialistas lanques se lançam nesta infame empreitada.

Tudo isso exige a intensificação da luta contra o jugo escravizador dos monopólios norte-americanos, a unificação dos patriotas em torno de questões concretas como a do restabelecimento de relações com a U.R.S.S.. Nesta luta é indispensável indicar a todos os patriotas e democratas a necessidade de cerrar fileiras, para derrotar o governo de Vargas e instaurar um governo de paz, independência e progresso, o governo democrático de libertação nacional. Para esta luta os comunistas lançam através do Programa do P.C.B., um fervoroso apelo à unidade de todas as forças democráticas, progressistas, nacionais e libertadoras na mais ampla frente democrática de libertação nacional.

VOZ OPERÁRIA

N.º 246 ☆ RIO DE JANEIRO ☆ 30/1/1954

Molotov Apresenta em Berlim A Plataforma dos Povos (Crônica Internacional — Leia na 4a. Página)



★
A sindicalização
dos trabalhado-
res rurais
CALIL CHADE
Artigo na 5.a pag.

★
Os intelectuais
brasileiros sa-
berão cumprir
o seu dever
de honra
Astrojildo Pereira
Texto na 3.ª pag.

★
Nunca pagamos
preços tão bai-
xos... ..e era o
melhor trigo do
mundo...
(Leia na pag. 9)

Assim os lanques Sugam
A Renda Nacional
(Reportagem na
página central)

Programa do P.C.B. O Povo Debate o Programa do P.C.B. O Povo Debate o

TEMOS em mãos várias cartas destinadas a esta seção, em que nossos leitores terão oportunidade de dar opiniões, expor dúvidas, defender e combater argumentos, em torno do projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil.

Se bem que não tenha faltado até esta data o material para dar vivacidade à seção, podemos, entretanto, observar que o número de cartas sobre o Programa ainda está muito longe de corresponder à grande repercussão já obtida pelo importante documento.

Façamos pois desta seção da VOZ OPERÁRIA uma tribuna para o debate vivo das teses do Programa, um debate que expresse em toda a sua plenitude, a vida política dos militantes de vanguarda e de todo o povo em luta por melhores dias.

A CLASSE OPERÁRIA E O PROJETO DE PROGRAMA DO P. C. B.

O Projeto de Programa apresentado à Nação pelo P.C.B. é um dos mais valiosos tesouros pôsto nas mãos da classe operária, uma nova luz que surge iluminando com mais força a estrada que o povo brasileiro terá que trilhar para libertar nosso país do atraso e da ruína em que se acha sob a dominação do imperialismo americano, sustentado pelos latifundiários e defendido pelo governo de traição nacional que aí temos.

Jamais nosso Partido nos forneceu um documento como este, capaz por sua simplicidade e clareza, de ser entendido e pôsto em prática pelas mais amplas camadas do povo.

Após analisar cientificamente a situação do país, mostrar as causas mais profundas do estado de penúria em que vegeta o nosso povo, indicar as imensas forças que estão realmente interessadas em progredir, nos convenceu que há todas as condições para uma rápida vitória destas forças.

O documento chama a atenção, particularmente do próprio Partido, para que em sua atividade, a fim de evitar erros graves, estude os problemas à luz da ciência marxista e não de maneira superficial, como fez no Manifesto de Agosto onde cometeu erros sectários que trouxeram dificuldades à organização da frente única e permitiu a ampliação desnecessária do campo dos inimigos da revolução.

Torna-se claro para nós, que atualmente em nosso país não vamos focar nas bases do capitalismo. O inimigo principal e comum do povo é o imperialismo americano e não outro qualquer, o latifúndio e os elementos da burguesia ligados ao imperialismo e não a burguesia nacional, e como expressão dessas forças reacionárias, o atual governo.

Significa então que para organizarmos a unidade das amplas camadas do povo e levarmos à prática a política de frente única, vamos aplicar a tática da colaboração de classes? Não. É precisamente na base das lutas de classes que várias camadas do povo são forçadas a ir à luta. Por exemplo: Os pequenos industriais e comerciantes sofrem sérias dificuldades nos seus negócios. Como têm procurado resolvê-las? Lutando contra o governo e o imperialismo? Não. Vendendo mais caro os produtos, agravando com

isso as condições de vida do povo, e ao mesmo tempo, reduzindo o próprio mercado para seus negócios. Somente na medida em que a classe operária não aceite em suas costas, o peso dessas dificuldades é que esses industriais e comerciantes passarão a lutar.

No Programa diz-se que um dos objetivos primordiais do governo democrático de libertação nacional é melhorar radicalmente as condições de vida da classe operária. Precisamos entender como é que esta questão pode se tornar realidade. Não podemos esquecer que também a burguesia vai tomar parte no novo governo e naturalmente vai tentar por todos os meios que o referido governo defenda em primeiro lugar e não em segundo os seus interesses que são contrários aos interesses da classe operária.

É bom lembrar que a burguesia ao participar da luta, tem em vista em primeiro lugar derrubar o inimigo que está por cima e que também lhe prejudica, mas em segundo lugar, derrotado aquele, ela tentará se apossar do Poder para prosseguir livremente, multiplicando seus lucros a custa da classe operária e do povo.

Onde está então a força, a garantia para que o Governo Democrático de Libertação Nacional defenda aquele objetivo primordial que é o bem-estar da classe operária, para que o governo possa levar avante as conquistas da revolução, para que esta não seja uma simples troca de homens no Poder?

Somente se este governo estiver ali cercado da classe operária. «A aliança da classe operária com os camponeses — diz o Programa — é a força indestrutível da revolução brasileira». Somente apoiado nessa força, o governo poderá realizar o Programa. Hoje torna-se claro para o povo e particularmente para a classe operária, a discordância que há entre os seus desejos e o que faz o governo. A classe operária com o povo tem travado grandes lutas em nosso país, obtido importantes vitórias. Mas que garantia tem tido ela para manter estas conquistas? Não é justamente o governo que não só não assegura estas conquistas, como também viola e líquida os direitos mais elementares da classe operária? Portanto a substituição do atual governo por um governo democrático de libertação nacional é uma tarefa vital para a classe operária e o povo brasileiro. Ele será a segurança das conquistas da classe operária, a garan-

tia de um futuro de bem-estar e liberdade, porém, só através da luta será possível conquistá-lo, porque o governo de traição nacional que aí está resistirá com unhas e dentes para não cair, como assinala o Programa.

É na própria luta que a classe operária poderá inspirar confiança aos seus aliados, arrastar as camadas vacilantes para a batalha, consolidar a sua posição de vanguarda e assegurar as condições para a justa aplicação do Programa, pelo Governo Democrático de Libertação Nacional.

19. I. 1954.

RODRIGUES

(Crescência — Est. de Sta. Catarina)

MAIS CLARO O PROBLEMA DA FRENTE ÚNICA E DE ALIADOS NA REVOLUÇÃO

O Programa do Partido Comunista do Brasil, surgido no dia 1.º deste ano, marcou uma nova era na revolução brasileira. O C.C. do P.C.B. ao levar a público o programa, aponta a necessidade de que seja discutido e assimilado, não só pelos comunistas e os simpatizantes do Partido, como nos explica o C.C. mas, sim por todos os brasileiros.

O Programa do Partido que está baseado na análise do marxismo-leninismo, vindo da realidade brasileira, mostra em auto-crítica profunda os erros que cometemos no Manifesto de Agosto, no que se refere à burguesia nacional.

No Manifesto de Agosto grandes experiências contribuíram para o desenvolvimento de nosso Partido, e nos amadureceu política e ideologicamente, enfim grandes passos demos no caminho da revolução, no entanto ainda viamos estreitamente as forças que podiam participar da revolução com a classe operária, que era a burguesia nacional. O Manifesto de Agosto, portanto, que se refere à burguesia nacional diz: «Nacionalização dos bancos e das empresas industriais e comerciais de caráter monopolista ou que exerça influência preponderante na economia nacional, com ou

sem indenização, conforme a posição de seus proprietários na luta pela libertação nacional do Jugo Imperialista» como vemos estreitamente a amplitude da atual revolução, não viamos os interesses da burguesia que marcha nos países coloniais e dependentes — como nos ensina Stálin — até certo ponto, e que somente ela é de traição nacional nos países capitalistas, onde ela tem interesses conjugados com o imperialismo.

Hoje, com o Programa do P.C.B. a coisa se modifica, o Partido já vê mais claro o problema da frente única e de aliados na revolução. No item 25 do Programa mostra com clareza a questão quando diz «O governo democrático da libertação nacional não confiscará as empresas e os capitais da burguesia nacional. Entretanto, serão confiscados e nacionalizados os capitais e empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliares aos imperialistas americanos». O Programa diz taxativamente que não confiscará as empresas da burguesia nacional, isto evidentemente atrai a burguesia nacional para o caminho da revolução e tomar parte ativa no governo democrático de libertação nacional.

Essa nova orientação não surge assim como se tivesse caído do céu. Não, a burguesia nacional tem realmente interesse na derubada do governo de Getúlio e de participar de um governo democrático de libertação nacional, a burguesia vive hoje ameaçada de bancarrota devido aos monopolistas americanos e locais internos que escravizam a todo o nosso povo em todos os setores, tanto da economia, como cultural etc. Por outro lado a burguesia já não tem mais o direito de comerciar com os países que mais lhe tragam vantagens e lucros, é obrigada a se submeter às ordens ditadas por Getúlio que são por sua vez elaboradas pelos imperialistas americanos.

Este estado de coisas leva a burguesia nacional a um profundo descontentamento e à luta contra o atual governo por um outro governo, que realmente lhe traga a liberdade de iniciativa e liberdade de comércio interno e que possa comerciar com a União Soviética, a China Popular e os países de democracia popular, que muito contribuirão para o desenvolvimento da indústria nacional.

Perguntas e Respostas

O Ensino em Língua Materna Aos Filhos de Imigrantes Estrangeiros

Em carta publicada esta página, na edição de 6 do corrente, o leitor Francisco Matos, de Belo Horizonte, manifesta dúvidas quanto à justiça de ser considerada «livre a instrução em língua materna aos filhos dos imigrantes estrangeiros», como estabelece o item II, capítulo III, do projeto de Programa do P.C.B. Recela o leitor que isto leve os imigrantes estrangeiros e suas famílias ao «desconhecimento pela língua da terra em que vivem», podendo «representar um fator de desagregação da própria nação».

Não procedem as dúvidas. O Programa do P.C.B., por ser um programa do Partido da Classe Operária — um programa realmente democrático — não poderia deixar de estabelecer a extinção de todas as discriminações de raças e nacionalidades, assegurando aos imigrantes inclusive o direito de instruírem os seus filhos em sua própria língua materna. Todos os demais direitos democráticos serão, aliás, assegurados pelo governo democrático de libertação nacional aos imigrantes estrangeiros. Eles poderão eleger e ser eleitos, professarão a religião de sua preferência, terão garantida a inviolabilidade da pessoa e do domicílio, etc. Gozarão, enfim, de todos os direitos que o futuro governo assegurará aos cidadãos brasileiros.

Uma das mais sentidas reivindicações dos imigrantes estrangeiros em nosso país é sem dúvida, o direito de instruírem os seus filhos na língua materna. Trata-se de um direito legítimo, que o Programa do P.C.B. não poderia deixar de estabelecer. As colônias estrangeiras no Brasil — especialmente as formadas no sul do país, por descendentes de alemães, italianos, japoneses e poloneses, a que se refere o autor da carta — constituem uma considerável parcela da população de nosso país, integrada na quase totalidade por operários e camponeses pobres e médios. Seria uma violação dos direitos que, num regime democrático e popular, assistem aos imigrantes de outros países, se o programa do Partido da Classe Operária negasse a esta parcela da população o direito de instruírem os seus filhos na língua materna.

Isto não quer dizer que nestas colônias não se ensine a língua portuguesa. Como determina o item 21 do Programa, a instrução primária, além de gratuita, será obrigatória em todo o país, inclusive, naturalmente, nas colônias estrangeiras. Ao lado desta

exigência, de âmbito geral, haverá — no caso particular dos imigrantes estrangeiros — a liberdade de instrução na língua materna.

O leitor Francisco Matos refere-se, em sua carta, a fatos ocorridos na última guerra em algumas colônias estrangeiras. A propósito, é preciso não só evitar confusão entre épocas históricas diferentes, como também não se deixar envolver pelas mistificações oficiais. No período da última guerra, os agentes fascistas nas colônias de alemães, italianos e japoneses montaram, em diversos pontos do sul do país, uma perigosa máquina de espionagem a serviço do Eixo, procurando aliciar os imigrantes e suas famílias para ações contrárias aos interesses do Brasil e à causa da democracia. Tal fato exigia que se erguesse — como se ergueu — a vigilância dos verdadeiros patriotas, na salvaguarda da independência nacional e em defesa da liberdade. O governo de Vargas, entretanto, que vinha procurando entregar o país ao nazismo, aproveitou-se daquelas circunstâncias para desencadear contra os trabalhadores estrangeiros uma onda de mais feroz repressão, à frente da qual se destacavam notórios reacionários como Cordeiro de Farias, Nereu Ramos e Aurelio Py. Os imigrantes não só foram vítimas de brutais violências, como tiveram suas residências saqueadas, sendo roubados até os seus objetos de uso pessoal.

O leitor Francisco Matos, como todos os patriotas e democratas brasileiros, deve estar certo de que representa um poderoso fator na vida nacional a contribuição dada pelos imigrantes estrangeiros. Como é natural, esta contribuição se tornará ainda mais valiosa no futuro regime democrático-popular, quando se criarão todas as condições indispensáveis ao pleno florescimento da capacidade criadora dos imigrantes estrangeiros, como de nosso próprio povo. Constitui um sério erro admitir-se que esses imigrantes possam contribuir para «a desagregação da nação».

Responsáveis não somente pela desagregação que de fato se verifica em nosso país, mas pela ameaça de colonização do Brasil, são os imperialistas norte-americanos e o governo de latifundiários e grandes capitalistas, o governo anti-nacional e anti-popular de Vargas, contra os quais devem se voltar todos os brasileiros que amam a sua pátria e querem vê-la poderosa, livre e opulenta.

LEVAR O PROGRAMA DO P.C.B. A TODOS OS CANTOS DO PAÍS

Prezado relator
Como leitor assíduo de VOZ OPERÁRIA «Imprensa Popular» e «Notícias de Hoje», órgãos da imprensa justa e honesta, e considerando minha posição de fervoroso simpatizante das causas justas e honradas, portanto, do glorioso P.C.B., julgo-me no direito de emitir uma humilde porém, sincera opinião a quem de fato e de direito compete organizar os movimentos de massa em S. Paulo.

Antes, porém, quero expressar por entre estas poucas linhas, minha incontida satisfação pelos numerosos e melhores e mais amplos, dos jornais do povo.

O aparecimento do Projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil, através das páginas da imprensa do povo, causou profundo entusiasmo, que quero crer contagiará a todos os homens de boa-vontade que porventura o lerem. Para tanto sou de opinião que o mesmo deveria ser apregoado em todos os cantos da cidade, no interior, enfim, em todo o país; pelas paredes, tapumes, em panfletos, etc., para que chegasse incondicionalmente em pouco

tempo, a todo cidadão brasileiro que tem a felicidade de ser alfabetizado (infelizmente no Brasil, privilegio de apenas 49 por cento da população). Assim sendo, todos, de uma ou outra maneira, o discutiram, levava-se ao conhecimento de outros, multiplicar-se iam os debates, o entusiasmo seria cada vez maior. Porém, isso não é tudo. Quer chegar em outro ponto.

Como é de conhecimento geral, estão se realizando em S. Paulo várias comemorações em homenagem ao 4.º Centenário de sua fundação. Solenidades, discursos demagógicos e seu conteúdo, inauguração de obras não terminadas, paradas militares, etc. Durante tais acontecimentos estão presentes as autoridades políticas, civis e militares da nossa burocrática e famigerada corja governamental, «bem como seus patrões americanos».

Nada mais certo do que aproveitar a oportunidade para organizar melhor os trabalhadores e todo o povo para com cartazes e faixas em concentrações e outras manifestações apresentarem suas reivindicações, sua força a pala-

vra dos operários. Uma concentração-monstro, angariará sem dúvida, o apoio e a adesão de outras camadas do povo que, embora contrárias à situação atual, mas devido a certas circunstâncias de ordem familiar, não se atrevem a manifestar sua ira, seu descontentamento por esse governo desonesto e servil, tirano e incompetente, para resolver os problemas primordiais da nação e do povo.

O povo, experiente de outras situações idênticas, saberá resistir e repelir à altura, os cangaceiros que por certo se atrairiam sobre ele.

Sem dúvida, penso que este seria o melhor presente que o povo poderia dar a S. Paulo nas festividades do seu 4.º centenário. Nada melhor que a imprensa popular, que tão galhardamente se houve nos dias das gloriosas greves aqui realizadas, para mobilizar o povo para estas novas manifestações.

Aqui fica uma sugestão, juntamente com os mais sinceros votos de felicidade que, com forte abraço, desejo ao Cavaleiro da Esperança, o legítimo e incansável líder do Partido e do povo.

Tudo pela revolução vitoriosa do povo brasileiro!

a) Leitor simpatizante S. Paulo, 5 de janeiro de 1954.

Os Intelectuais Brasileiros Saberão Cumprir Seu Dever de Honra

Intervenção do Camarada Astrojildo Pereira na reunião plenária do Comitê Central do P.C.B., de dezembro de 1953

Camaradas

O PROJETO de Programa do P.C.B., submetido à apreciação deste Pleno, empresta não pequena importância aos problemas da cultura e do trabalho intelectual, encarando-os e colocando-os em sua justa proporção dentro do conjunto dos problemas econômicos, políticos e sociais que o povo brasileiro é chamado a resolver. Permitam aduzir algumas considerações acerca do assunto.

É um fato cada dia mais evidente para todos que a penetração imperialista americana realiza-se também na vida cultural do nosso país, servindo-se para isso dos mais variados e insidiosos meios de propaganda e de influência ideológica.

Lê-se no projeto de Programa:

«Por intermédio da imprensa, do rádio, do cinema, da literatura e da arte, reduzidos a instrumentos de colonização, procuram os agentes americanos liquidar as mais caras tradições de nosso povo e a cultura nacional.»

Estas palavras exprimem de maneira muito clara uma realidade que salta aos olhos até dos observadores menos atentos: mas ao mesmo tempo, e sem rodeios nos advertem de um perigo extremamente sério e grave, que ameaça corroer-nos por dentro, que se esforça por poluir a seiva nacional de que se nutre a nossa cultura.

O que se faz, com efeito, não é mais a simples propaganda ou divulgação, em nome da cultura nacional — da boa literatura, da boa arte, dos progressos científicos — enfim dos elementos culturais da cultura americana. Isto seria útil e mesmo necessário, não apenas para que tomássemos conhecimento da atividade cultural progressista de filósofos, escritores, poetas, artistas, cientistas norte-americanos, mas para que extraíssemos igualmente, desse conhecimento, tudo aquilo que de algum modo pudesse enriquecer o nosso próprio patrimônio cultural. Não é isto entretanto o que se faz, e o que se pretende, em verdade com o emprego de métodos arrogantes ou solertes, é deformar a nossa mentalidade, a nossa maneira de ser, o nosso caráter, a nossa índole, e desviar-nos assim do caminho de desenvolvimento cultural que nos é próprio, segundo as indicações positivas da nossa história e a inspiração do que há de mais vivo de mais belo em nossas tradições nacionais.

Para levar a cabo os seus propósitos, os agentes americanos impingem as piores coisas que é possível imaginar em matéria de «literatura», de «arte» e até de «ciência» — as aspás são aqui imprescindíveis para resguardar a nobreza das palavras — tudo produzido em série nos arsenais da guerra psicológica. Tudo afinado pelo mesmo diapasão da boçalidade que se tornou a regra dos serviços telegráficos e informativos. Livros, revistas, jornais, historietas em quadrinhos, filmes, discos, professores, missões culturais, bolsas de estudo, prêmios e viagens — tudo obedece às diretivas do Departamento de Estado, esse covil de ferozes diplomatas do dólar e da bomba atômica.

Em suma, tudo quanto nos remetem os americanos, sob a capa de cooperação ou de ajuda cultural, resulta sempre e sempre em corrosivo para a nossa inteligência e o nosso sentimento, com vistas a abastardar-nos mediante um processo intensivo de mistificação e estupidificação.

Semelhante preparação psicológica — pois disso precisamente é que se trata — vem a ser indispensável aos planos de dominação e colonização do nosso país; é indispensável portanto aos planos de guerra acalentados pelos canibais de Wall Street e do Pentágono. É preciso quebrar a capacidade de resistência do nosso povo, é preciso amolecer os nossos ímpetos patrióticos, é preciso amaciar e domar os nossos melindres nacionais. Sem esta prévia preparação é claro que todos os projetos de colonização se espatifarão de encontro à muralha intransponível de todo um povo que se põe de pé em defesa da independência nacional.

Para melhor executar a sua tarefa de penetração no campo da cultura, os imperialistas se utilizam largamente dos seus lacaios nativos, a começar pela camarilha governamental. O projeto de Programa do nosso Partido caracteriza o fato em poucas e precisas palavras:

«Realizando a política de completa alienação da soberania nacional, o governo de Vargas procura inculcar na mocidade estudantil e nos meios literários, artísticos e científicos, sentimentos de desprezo pelas tradições nacionais e de subserviência às ideias cosmopolistas e ao obscurantismo racista dos imperialistas americanos.»

A cumplicidade governamental e o seu afã de bem servir aos anos lanques levam a camarilha de Vargas a perseguir por todas as formas os intelectuais brasileiros ciosos da sua condição de brasileiros, empenhados como tais na realização de uma obra de sentido progressista e democrático, em concordância com as melhores tradições da nossa cultura nacional.

Eis o que se lê a este respeito no projeto que estamos examinando:

«A intelectualidade brasileira, elementos de profissões liberais, cientistas, técnicos, escritores, artistas, cineastas e professores, que não se prestam ao papel de lacaios dos americanos e defendem a cultura nacional, são perseguidos, sofrem crescentes privações e enfrentam os maiores obstáculos para

o desenvolvimento de sua atividade criadora e profissional.»

Para honra da nossa intelectualidade e da nossa gente, a maioria absoluta dos intelectuais brasileiros se enquadra nesta categoria dos que resistem e lutam em defesa da cultura nacional, contra a corrupção imperialista, contra as perseguições governamentais, pelas liberdades democráticas.

Ainda agora — para só citar dois fatos de maior significação — realiza-se em S. Paulo o II Congresso Brasileiro de Cinema, que é uma vigorosa demonstração coletiva, como já o fora o I Congresso, em defesa do cinema brasileiro, não só como indústria mas também, como expressão da cultura nacional. Prepara-se, ao mesmo tempo, o II Congresso Brasileiro de Intelectuais, a reunir-se em Goiânia, em janeiro próximo, o qual inscreve em seu programa, como temas centrais propostos ao debate, os problemas relativos à defesa da cultura nacional, ao intercâmbio cultural com todos os povos, e aos assuntos éticos e profissionais das diversas categorias de intelectuais. Mais de quatrocentos intelectuais de todo o Brasil e de todos os ramos de atividade, alguns deles portadores de nomes eminentes nas letras, nas artes e nas ciências, já deram sua adesão ao Congresso de Goiânia, cujo êxito podemos facilmente prever.

Estes fatos demonstram — e eu poderia citar outros mais — até que ponto vai o grau de receptividade da massa de intelectuais brasileiros aos apelos para a luta em defesa da cultura nacional, que eles vão compreendendo, cada dia mais claramente, como parte integrante das lutas patrióticas de todo o povo pelas liberdades democráticas e pela independência nacional.

Devemos desde logo reconhecer que nosso trabalho neste setor, até o presente, tem sido a bem dizer insignificante, se e medirmos na escala das possibilidades reais existentes. Devemos ainda reconhecer que o nosso Partido, em seu conjunto, tem subestimado e até desprezado, não digo tanto a atividade dos intelectuais comunistas, mas principalmente a atividade dos comunistas no tocante aos problemas da cultura em geral e em particular no tocante aos problemas do trabalho entre a intelectualidade brasileira. Sem dúvida, a maior soma de responsabilidade por tudo isso cabe aos organismos específicos da frente cultural, criados pela direção do Partido e de que eu próprio faço parte. Nossa atividade na frente cultural pode ser caracterizada, a meu ver, como uma atividade quase sempre acanhada, mal conduzida, não raro espasmódica, insuflada por fáceis e passageiros entusiasmos, oscilando constantemente entre o sectarismo esquerdista e a pior complacência oportunista.

Estou, no entanto, persuadido — e creio camaradas, que expriço com isso um sentimento dominante neste Pleno — estou persuadido sem a menor sombra de dúvida, que o Programa do P.C.B. produzirá enorme repercussão e poderosa influência entre os meios intelectuais deste país.

Sua condição de trabalhadores da inteligência não os priva dos deveres e direitos de cidadãos, nem tampouco amortece neles os sentimentos de ardente patriotismo. — odemos pois contar como certo que em numero crescente os intelectuais honestos saberão medir, em toda a plenitude, o alcance histórico do Programa que o P. C. B. apresenta ao povo brasileiro — «cujas gloriosas tradições de luta pela liberdade e a independência constituem a melhor garantia de sua realização.»

É também uma gloriosa tradição da nossa história a participação dos intelectuais nas lutas patrióticas e democráticas do nosso povo. A Inconfidência Mineira, as lutas pela Independência, os movimentos revolucionários de 1817 e 1824, a Cabanagem, a Sabinada, a Revolução Farroupilha, a Praieira,



Para levar a cabo os seus propósitos de liquidar as tradições de nosso povo e a cultura nacional, os agentes americanos nos impingem livros, revistas, jornais, historietas em quadrinhos, as piores coisas que se pode imaginar em matéria de «literatura», de «arte» e até de «ciência».

As lutas pela Abolição e pela República, e mais perto de nós, a marcha da Coluna Prestes, o movimento da Aliança Nacional Libertadora — eis alguns marcos gloriosos de nossa história em que, ao lado dos nomes mais famosos de heróis populares e revolucionários, se inscrevem com honra os nomes de numerosos intelectuais que souberam lutar e morrer pela causa do povo e da liberdade.

Compreenderão igualmente os intelectuais que a frente democrática de libertação nacional representa, nos dias de hoje, a continuação e o desdobramento histórico, em plano superior, de todos aqueles gloriosos movimentos do passado. Compreenderão finalmente, que o Programa do P.C.B. no qual se formulam de maneira sistemática e científica as aspirações e as reivindicações mais profundas de nosso povo, é o único que realmente atende aos mais altos interesses da pátria oprimida pelo colonizador estrangeiro e vilipendiada por um governo de traição nacional.

A pátria está em perigo — e o caminho de sua salvação é este apontado pelo Programa do PCB. Não há outro caminho, não pode haver outro. Eis por que podemos exclamar, do alto desta tribuna, que é a mais alta tribuna deste país.

«O Partido Comunista do Brasil considera que lutar pela criação, ampliação e fortalecimento da frente democrática de libertação nacional é tarefa urgente e inadiável, dever de honra de todos os patriotas brasileiros.»

Os intelectuais brasileiros saberão cumprir este dever de honra.

Aprovo plenamente o Projeto de Programa do P.C.B.

Getulio dá Água ao Povo...

A VIOLAÇÃO das liberdades que caracteriza o regime atualmente em nossa terra apresenta-se em todos os aspectos da vida nacional. A violência é a norma de governo de Getúlio e de sua camarilha que, odiados pelo povo, empenham-se desesperadamente para manter-se no poder.

Há dias, no Rio de Janeiro, presenciou-se a um aspecto típico desse desrespeito pela pessoa humana. Num dos batros da Capital, para protestar contra a falta d'água que infere a vida e põe em risco a existência de milhares de cidadãos, foi organizada uma passeata. Pois bem. O que fez

o Governo? Proibiu a passeata e mandou um carro especialmente comprado para a Polícia destinado a esguichar água no povo, com tal força, que nenhum homem pode manter-se de pé diante de tal jacto. Assim, para Getúlio, a água que falta para matar a sede do povo sobra para impedir que ele se manifeste contra a incúria do Governo.

Esse pormenor é um dos milhares de exemplos do clima de constante violação dos direitos humanos que impera em nosso país. Se dolermos as ruas ensolaradas e penetrarmos nos recintos obscuros dos Tribunais, outros testemu-

nhos ainda mais evidentes desse estado de coisas serão facilmente perceptíveis. Basta ver que apenas em 1951 deram entrada no Supremo Tribunal Federal 240 requerimentos de mandado de segurança. Esse mês, ao se aproximarem as férias do S.T.F., os Ministros do Supremo estão afogados com cerca de 150 pedidos de mandado de segurança, além dos muitos que já julgaram até agora. Sobem também de maneira vertical os pedidos de habeas-corpus que, em 1951, somaram, somente no Supremo Tribunal 389.

A tal ponto atingem as violações da lei, por parte de todas as autori-

dades que não há tempo para julgar todos os pedidos das partes. As arbitrariedades atingem todas as camadas da população, e são frequentemente apoiadas pela própria «justiça» que funciona, na maioria das vezes, como um apêndice do poder executivo e submete-se à voz de comando dos generais fascistas. Basta lembrar, a respeito, as violências cometidas nos processos contra os militares democratas.

Assim é a «democracia» de Getúlio. Para lutar contra ela é que, dia a dia, unem-se mais estreitamente todas as pes-

COMO O COMANDO IANQUE "LIBERTOU" OS PRISIOEIRO COREANOS E CHINESES



O SINETE FASCISTA DA "DEMOCRACIA" IANQUE

OS METODOS fascistas são hoje em dia o sinete que distingue os homens de governo dos Estados Unidos, para os quais a liberdade não deve ser mais que uma estúpida plantada à beira de Nova York. Comandados pelo sinistro senador Mac Carthy, os inquisidores do Congresso vasculham os arquivos e qualquer inleixo, leve ou seja, de uma ação democrática é suficiente para levar um cidadão à detenção sumária, à barra dos tribunais ou à cadeia.

Nas Universidades americanas desencadeou-se um terror feroz. A liberdade de cátedra, o direito de livre debate científico, o intercâmbio cultural com os outros povos e países, tudo isso tem limites marcados e fiscalizados pela polícia secreta, o Bureau Federal of Investigations (FBI), comandado por Edgar Hoover, agente categorizado dos tristes, que se perpetua no cargo apesar das mudanças dos governantes. Hoover não é dispósio, e sua rede estende as malhas por quase todos os países do mundo, entrelaçada com os serviços do Departamento de Estado e a espionagem militar, setores onde desempenha um papel dirigente Allen Dulles, o irmão de Foster Dulles, secretário de Estado.

Herbert Brownell, procurador-geral, é, porém, o inquisidor-mór, aquele que em nome da "justiça" dirige a batalha pela salvaguarda do poder dos grandes monopólios e a eslababilidade de seus agentes executivos. Recentemente, esse "defensor da lei" apresentou a proposta de que valham nos tribunais, como elementos de prova, as gravações telefônicas obtidas pelo FBI, em sua interferência nas conversas des preocupadas de cidadãos pacatos. Para a "justiça" dos Estados Unidos não basta, como se vê, penetrar no mais íntimo da vida de cada homem ou mulher simples; essa espionagem insólida deve ser ainda "prova" bastante para mandá-los irremissivelmente às bastilhas de cimento armado, onde está entronizada a cadeira elétrica, esse outro símbolo da aplicação da técnica por parte dos tristes assassinos.

Diante de uma declaração do ex-presidente Truman sobre seus "méritos" anti-comunistas, Brownell apresentou há dias um pequeno balanço do que fez em um ano (apenas um ano) a administração Eisenhower. Revelou-se, então, que puderam-se em prática, entre outras, as seguintes medidas tipicamente fascistas: condenação e encarceramento de 17 dirigentes do Partido Comunista; denúncia de outros 20 dirigentes comunistas; captura de diversos comunistas que se haviam refugiado, bem como daqueles cidadãos que lhes forneceram asilo; denúncia contra 12 cidadãos acusados de perjúrio, por terem negado sua filiação ao Partido Comunista; deportação de 219 estrangeiros e preparativos de deportação de mais 495; levantamento de 12 organizações democráticas sujeitas às inquirições da Junta de Controle das Atividades Subversivas, etc.

O Partido Comunista tem direito à vida legal em face da Constituição norte-americana; na realidade, porém, leis fascistas como a lei Smith impedem-lhe o livre funcionamento, pela prisão "metódica" de seus dirigentes mais destacados. Como nos demais regimes de tipo fascista, são indiscriminadamente acusados de comunistas todos os cidadãos que, por uma forma ou por outra, manifestem sua desaprovção à política de guerra executada pelo governo norte-americano e apresentadas como "subversivas" quaisquer associações que participem da luta pela paz, pelas liberdades constitucionais, contra a discriminação racial, e pelo entendimento entre os povos. Amparadas pelo aparelho de Estado, as sociedades terroristas, como a Ku-Klux-Klan, e as ligas fascistas, como a Legião Americana, desencadeiam o terror em todo o país, tentando impedir o esclarecimento das massas e cometendo atentados contra os que defendem seus direitos.

O recrudescimento do terror nos Estados Unidos não constitui, todavia, uma prova de vitalidade da reação americana. Pelo contrário, se dia a dia aceleram-se as medidas de cercamento das liberdades, se cada vez mais a violência policial e a chicana jurídica constituem os pilares do "modo de vida americano", é precisamente porque esse "modo de vida" entrou em bancarrota e o povo vê com maior evidência o despenhadeiro em que foi lançado pela política agressiva e anti-nacional dos grandes tristes. Apesar dos esforços da propaganda para inculcar à nação o medo ao "fantasma" comunista e transformar a "caçada às feitiçarias" no centro de interesse da opinião pública, o povo vai percebendo que as "brumas" ameaçadoras são, na verdade, a política de guerra e a crise econômica que penetrou em todos os lares americanos.

Um Orçamento de Guerra, Para Uma Política de Guerra

O PRESIDENTE Eisenhower encaminhou, em fins da semana passada, ao Congresso norte-americano a Mensagem sobre o orçamento dos Estados Unidos para o período de 1º de julho de 1954 a 30 de junho de 1955. A receita está calculada em 62.642.000.000 de dólares, para uma despesa de 65.570.000.000 de dólares. Há, portanto, um déficit previsto de quase três bilhões de dólares, apesar dos altos impostos que gravam o contribuinte americano, rebaixando de maneira violenta, nos últimos anos, o nível de vida de todo o povo e particularmente da classe operária. Na realidade, o déficit será provavelmente ainda maior devido a que verbas extraordinárias poderão ser votadas, desequilibrando ainda mais o orçamento.

A característica do orçamento americano é que ele é um orçamento de guerra. Destinam-se às despesas militares 45.000.000.000 de dólares, isto é, 71 por cento de toda a verba disponível! Já está a raiz do próprio déficit e o motivo central pela inflação cada vez maior e a crise econômica acentuada.

A política orçamentária dos governos reflete sua po-

lítica geral. Não é estranho, portanto, que o orçamento americano confirme e acentue as características que lhe foram imprimidas, nos últimos anos, pela linha agressiva da política exterior americana, voltada para o domínio mundial. A análise, mesmo sumária, da distribuição orçamentária revela os intuítos agressivos: há não somente uma dilatação absurda das verbas militares em relação ao resto das despesas como, as diversas designações militares destinam-se principalmente a armas ofensivas. Assim, pretende-se, no prazo de um ano, elevar o potencial aéreo a 40 mil aviões, dos quais a metade a facto; aumentar, paralelamente o poder aéreo da marinha e construir novos navios; reforçar as unidades anfíbias e intensificar os armamentos atômicos. Para as forças terrestres prevê-se até mesmo a redução de efetivos (embora aumento do poder de fogo) porque, entre outros motivos, os estrategistas do Pentágono entendem que o grosso dos soldados destinados à agressão à URSS e às Democracias Populares deve ser fornecido pelos países postos sob seu guante, principalmente a Ale-

manha nazificada de Adenauer.

A mensagem de Eisenhower resalta, aliás, que a «Organização do Atlântico Norte» e a Comunidade Européia de Defesa» continuarão a ser apoiadas pelos milionários de Wall Street, que naqueles instrumentos de agressão depositam suas esperanças para o do-

ção em massa, conforme exige toda a humanidade, declarou agora, com a maior desfaçatez que «a NATO — isto é, a Organização do Tratado do Atlântico Norte — procede atualmente a um reexame de táticas, levando em conta a sua estratégia e de suas possíveis disponibilidades de armas atômicas e de outras



mente da Europa e do mundo.

Mas isso não é só. Eisenhower que, pressionado pela opinião pública mundial fingiu, em recente discurso na ONU, interessar-se pelo controle da energia atômica mostrou, desde então, que seu projeto não pretende, nem de longe, pôr fora da lei as armas de destrui-

novas armas.»

Política de guerra, orçamento de guerra. Não se pode negar coerência à Casa Branca. A mesma coerência que, há, poucos anos, levou o grande povo alemão à catástrofe e fez desabar sobre ele as tempestades do ódio que seus dirigentes semearam no mundo.



Molotov Apresenta Em Berlim A Plataforma dos Povos

A CONFERENCIA de Ministros das Relações Exteriores da URSS., Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, inaugurada no dia 25 em Berlim, pode representar um passo decisivo para substancial alívio da tensão internacional. Sua própria realização, após cinco anos de interrupção de contactos desse gênero entre as quatro potências, representa uma importante vitória das forças da paz.

Os discursos especiosos de Bidault e Eden, com os quais se abriu a Conferência foram contrastados de início pela oração calorosa e viva de Molotov, apresentando o ponto de vista da humanidade progressista consubstanciado num temário amplo e concreto que não pôde ser recusado, nem mesmo pelo secretário de Estado norte-americano.

Estabeleceu-se, pois, a seguinte ordem do dia: 1) medidas a adotar visando uma trégua nas relações internacionais e a convocação de uma conferência dos chanceleres da França, Grã-Bretanha, Estados Unidos, URSS e República Popular Chinesa; 2) questão alemã e meios de garantir a segurança européia; 3) tratado de estado austriaco.

Essa ordem do dia permite o debate de todas as principais questões mundiais ligadas ao alívio da situação mundial: cumprimento honrado dos tratados livremente assinados; reconhecimento dos legítimos direitos do povo chinês; interdição das armas atômicas; tratado de paz com a Alemanha; paz na Coreia e tratado de paz com a Áustria.

Ninguém pode negar, por exemplo, que nenhuma melhoria permanente nas relações internacionais pode ser obtida em uma situação de evidente violação dos tratados assinados durante a guerra e, sobretudo, da Carta das Nações Unidas. Manter fora da ONU a mais populosa nação da terra, como fazem os americanos, eis um dos aspectos principais da política agressiva dos Estados Unidos. Todos sabem que foi a ausência da China do Conselho de Segurança que possibilitou a votação ilegal desse Conselho, aprovando a agressão norte-americana na Coreia. Todos sabem que a política de paz da República Popular Chinesa é um fator de estabilidade para todos os povos asiáticos e uma garantia contra as ameaças do imperialismo. Todos sabem, igualmente, que foi a China que, após deter a mão do agressor na península coreana apresentou, juntamente com a República Popular da Coreia saída prática para o fim do conflito. Na Ásia concentra-se cerca de metade da população do globo e só esse fato é bastante para ver-se que não se pode, nem de longe, falar sinceramente em encaminhamento dos problemas internacionais, pondo de lado a maior potência do Oriente.

Assim, a recusa de Dulles em participar de uma Conferência com a China, exposta em seu discurso, só demonstra a falta de propósitos sinceros por parte dos Estados Unidos em aliviar a tensão mundial. Deve-se notar que mesmo Bidault e Eden, esquivaram-se pelo menos nas duas primeiras sessões, de tomarem atitude semelhante.

A União Soviética sempre transigiu nas Conferências Internacionais. Não poderia ser de outra maneira

pois o êxito de qualquer conferência entre potências situadas em campos opostos só pode residir em concessões mútuas. Não há dúvida, por isso mesmo, que o Ministro do Exterior Soviético aproveitará todos os aspectos positivos que se vierem a revelar na atuação dos chanceleres ocidentais. Mas a URSS não negocia na base de ultimatum, nem na aceitação de «fatos consumados». Os Estados Unidos, Alemanha e França reorganizam a Wehrmacht hitleriana pondo em perigo a segurança de todos os povos europeus, principalmente dos povos soviéticos e franceses, e querem impedir a organização de uma Alemanha livre, pacífica e democrática, igual em direitos aos demais Estados. Fundam sua política no agressivo Pacto do Atlântico e na ameaça da Comunidade Européia de Defesa.

Já em 26 de novembro de 1947, Molotov, na Conferência de Londres insistiu em que era chegado o momento de dar à Alemanha um Tratado de Paz, que é a questão dos destinos da Alemanha e a do restabelecimento pleno da paz na Europa, no que não foi acompanhado pelos ministros ocidentais. Não pode existir tratado de paz para a Alemanha sem a existência de um governo que possa falar em nome de toda a Alemanha. E não pode haver governo que fale em nome de toda a Alemanha na base da política militarista posta em prática pelos mentores do Pacto do Atlântico, por intermédio de seus agentes de Bonn. Ninguém duvida que nas atuais condições existentes na Alemanha Ocidental, onde impera o terror fascista e não foram postas em prática as medidas de democratização que os acordos de Potsdam, Ialta e Teerã estipularam, as eleições seriam uma farsa criminoso, em proveito do imperialismo que mantém sob o seu guante a maior parte da população alemã. As declarações de Dulles, Eden e Bidault são declarações a favor de uma paz imperialista. Não está evidentemente fora dessa linha de conduta o fato de recusarem-se sequer a admitir a presença de observadores da República Democrática Alemã e da Alemanha Ocidental na reunião de Berlim, conforme propôs a URSS.

Sobre a Áustria sabe-se, igualmente, que o motivo de não ter sido até agora o Tratado de Paz reside na insistência de que sirva de base o chamado «Tratado Abreviado», elaborado pelos E.E.U.U., Grã-Bretanha e França que, desse modo, romperam o projeto conjunto das quatro potências sobre o qual só havia poucos pontos de divergências.

Todos os setores reacionários agem para criar uma atmosfera de fracasso prévio em torno da Conferência de Berlim. É evidente que dela não se podem esperar milagres, nem seria justo aguardar de pronto a solução definitiva de todos os problemas internacionais, envenenados por anos e anos de política guerreira norte-americana. Na realidade, os imperialistas sentaram-se a contragosto à mesa da Conferência e só a contragosto deixaram de precipitar uma crise mais grave que as anteriores. Mas para impedi-los de novas ações criminosas vigiam todas as pessoas de bem, que vêm nas propostas de Molotov uma verdadeira plataforma de paz dos povos.

A Sindicalização Dos Trabalhadores Rurais

CALIL CHADE

UMA das resoluções da Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas, realizada em São Paulo nos primeiros dias de Setembro de 1953, estabeleceu que os assalariados agrícolas, colonos de café, camaradas, peões, empregados, tarefeiros, diaristas e mensalistas deviam organizar-se em Sindicatos Rurais. Cumprindo esta resolução, os assalariados e semi-assalariados do campo lançaram-se num amplo movimento, que se estende a todo o país, pela criação dos Sindicatos Rurais. O movimento mobiliza milhares de trabalhadores das fazendas de café e das usinas de açúcar em vários municípios, particularmente no Estado de São Paulo. Inspirados nos exemplos da classe operária, que obtem vitórias e reforça a sua unidade através da sua organização sindical, os trabalhadores agrícolas realizam grandes assembleias e criam os seus próprios sindicatos.

Este movimento surgiu da primeira Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas realizada em nosso país, atendendo ao profundo anseio de organização dos camponeses durante a preparação e a realização da conferência. Este movimento é fructo, também, da intensa repercussão que vêm tendo entre os trabalhadores da terra as últimas lutas da classe operária e o fortalecimento do movimento sindical brasileiro. Este movimento cresce com o apoio e a ajuda efetiva de sindicatos e líderes operários. Os trabalhadores agrícolas do Brasil aprendem com as ricas experiências de luta e de organização desenvolvidas pelos trabalhadores de todos os países.

O movimento pela criação dos Sindicatos Rurais não é uma iniciativa do Ministério do Trabalho do governo de Vargas. O Ministério do Trabalho sempre se colocou contra a livre organização dos trabalhadores das cidades e do campo, porque o é de um governo de latifundiários e de grandes capitais ligados aos imperialistas norte-americanos; porque o é de um governo anti-democrático, anti-nacional, inimigo dos operários e camponeses. O que o governo Vargas tem feito é lançar a sua polícia contra as lutas e as organizações dos trabalhadores. Sobem a muitas dezenas de atos de dissolução violenta, pela polícia, de assembleias e associações de camponeses que lutam contra a exploração dos latifundiários. As declarações do sr. Gilberto Crockatt de Sá, diretor do Departamento Nacional do Trabalho, de que: «a sindicalização dos trabalhadores rurais começará imediatamente por São Paulo e visará neutralizar a influência dos comunistas, atirando para o contróle do governo todas as organizações representativas dos lavradores», revelam que o governo Vargas, incapaz de conter o movimento iniciado pelos próprios trabalhadores, procura dominar os sindicatos rurais e torpedear-los, sob o surrado pretexto da «infiltração comunista», para servir aos interesses dos latifundiários.

É sintomático que o diretor do Departamento Nacional do Trabalho venha à imprensa para prestar tais declarações, quando os latifundiários, organizados na Sociedade Rural Brasileira e na FARESP, anunciam o lançamento de uma campanha reacionária contra a organização sindical dos trabalhadores rurais. Ameaçam os latifundiários realizar «uma ativa e enérgica oposição ao movimento de sindicalização rural». Na verdade, os latifundiários e usineiros de açúcar já começaram a agir, perseguindo todos os camponeses e assalariados agrícolas que participam das assembleias e das diretorias dos sindicatos rurais. Os latifundiários e usineiros lançam mão dos mais torpes meios de intimidação, tais como o corte dos créditos e fornecimentos, ameaças de prisão e a dispensa do trabalho. Para impedir o comparecimento dos trabalhadores às assembleias, as porteadas são fechadas a cadeado, capangas armados impedem o livre trânsito pelas estradas e a polícia é mobilizada para intimidar os camponeses.

Para fundamentar a sua campanha reacionária, os latifundiários ajuntam uma série dos mais inconsistentes argumentos, que revelam bem o caráter decrépito dessa classe de vorazes parasitas do nosso povo. Gritam os sanguessuga que «a organização sindical dos trabalhadores rurais é uma iniciativa inoportuna e demagógica»; que «será criado fatalmente o antagonismo entre os proprietários e empregados, ensejando-se ambiente para o choque entre duas classes que até agora têm vivido harmonicamente»; que «a lei 7.038 (que criou os sindicatos rurais) foi revogada pelo decreto-lei 8.127; que «a lei 7.038 para que tivesse vigência dependia de regulamentação e expedição de um estatuto padrão»; que «a

sindicalização rural foi considerada, pela Conferência de Teresópolis, como prematura e inconveniente»; que «a sindicalização rural não encontrou ambiente para a sua aceitação»; que «não há entre os empregados rurais os indispensáveis requisitos do espírito associativo e empreendedor».

Tais são os frágeis argumentos levantados pelos monopolistas da terra, todos eles visando justificar a sua campanha de reação que se desencadeia no interior do país.

A criação dos sindicatos rurais é uma iniciativa mais do que oportuna; é uma necessidade já madura, sentida como nunca pelos trabalhadores rurais, já que cresce entre eles a compreensão de que não é possível enfrentar a exploração dos latifundiários e conquistar melhores condições de vida e de trabalho sem as organizações de massa permanentes, que mobilizem coordenem e orientem as suas lutas.

A exploração crescente dos latifundiários torna cada vez mais insuportável a vida dos camponeses, por isso buscam os trabalhadores rurais criar as suas próprias organizações. Ao contrário do que alegam os latifundiários, nunca houve harmonia entre as classes antagônicas do campo, pois que não é possível haver harmonia entre a minoria de exploradores que domina 75% das terras das propriedades rurais do país e os 10 milhões de explorados que não possuem nenhuma terra. O que surge, como novo, é o fato de que esses milhões de explorados já não aceitam, passivamente, a continuidade do atual estado de coisas e se dispõem a destruir a canga semi-feudal que pesa sobre os seus ombros. O interesse despertado entre os trabalhadores pela sua sindicalização indica o florescimento dessa consciência salutar.

A argumentação de que a lei 7.038, que criou os sindicatos rurais, foi revogada pelo decreto-lei 8.127 deixa claro que os latifundiários pretendem negar aos assalariados agrícolas e aos camponeses pobres o direito à sua organização independente e jungi-los às Associações Rurais, que são organizações dominadas pelos grandes proprietários de terra. As Associações Rurais são organizações de outro tipo, que absurdamente englobam exploradores e explorados para subordinar estes àqueles. Nenhum decreto-lei posterior revogou a lei que reconheceu o direito de criação dos sindicatos rurais. Esta lei não tem sido aplicada, não porque lhe faltasse a sua regulamentação ou a expedição de um estatuto padrão, mas sim, porque o governo jamais se interessou pela sua aplicação e tudo tem feito para impedi-la. Os latifundiários fazem-se de ignorantes, quando desconhecem que a Portaria n.º 14, de 19 de Março de 1945, expedida pelo Ministério do Trabalho, estabelece as normas para o reconhecimento dos Sindicatos Rurais e dita o estatuto padrão desses sindicatos. Portanto, mentem os latifundiários.

Não julgamos que a lei 7.038 e a Portaria n.º 14 garantam a liberdade e a autonomia sindicais; mas, mesmo assim, os trabalhadores rurais devem saber utiliza-la para criar as suas próprias organizações legais e lutar, a partir destas, pela completa liberdade e autonomia dos sindicatos frente ao Ministério do Trabalho e os patrões.

Aos trabalhadores agrícolas pouco importa que a Conferência de Teresópolis — uma Conferência de latifundiários e grandes capitalistas — tenha julgado prematura e inconveniente a criação dos sindicatos rurais. É claro que isto não convem aos exploradores que desejam continuar vivendo, placidamente, como nababos, à custa da miséria e do sacrifício de milhões. Quanto à afirmação de que falta ambiente propício à aceitação da sindicalização

(CONTINUA NA PAGINA 10)

TRIBUNA DO IV CONGRESSO

Nesta edição, conforme anunciamos anteriormente, iniciamos nossa nova seção dedicada ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. «Todos os membros do Partido devem ser incorporados a esse debate, disse o secretário-geral do P.C.B., referindo-se à discussão ampla e responsável que desde já se inicia, e suas palavras encontram profundo eco entre os comunistas. Estamos certos de que as colaborações chegarão em grande número — na forma de cartas, relatos, artigos — para a «TRIBUNA DO IV CONGRESSO» que se destina ao debate das questões da vida do Partido desde a realização do III Congresso, e particularmente no debate do projeto de Programa do Partido e do projeto de novos Estatutos. Por nossa parte, publicaremos respostas a perguntas que contribuíram para esclarecer determinadas questões de interesse para os debates preparatórios do IV Congresso».

POR QUE 25 ANOS DEPOIS ?

O leitor Fabricio Aroeira do Estado do Rio pergunta por que só agora o Partido Comunista do Brasil convocou o seu IV Congresso, 25 anos após a realização do III Congresso do P.C.B.

RESPOSTA: — O Partido Comunista do Brasil ficou um tão longo período sem realizar o seu IV Congresso porque nos 25 anos que se seguiram ao III Congresso não existiam condições favoráveis a uma reunião desta natureza. Os acontecimentos políticos verificados no país, de 1929 a 1953, bem como a situação do Partido nesta mesma época, impediram que o IV Congresso fosse realizado. Num Partido, como o P.C.B., que sempre viveu nas mais duras condições de ilegalidade, nem sempre se pode realizar os congressos com a regularidade exigida pelos Estatutos. No período que se seguiu ao III Congresso vivemos uma situação excepcional, de verdadeira emergência, o que dificultava realizar com êxito as assembleias de organizações de base, as conferências das organizações intermediárias e o próprio Congresso do Partido. Realizar um Congresso em tais condições nada favoráveis significaria não só pôr em risco a segurança dos organismos e direções partidárias como também realizar uma reunião formal, sem nenhum resultado prático. Em 1947 o Comitê Central convocou publicamente o IV Congresso tendo-se realizado os trabalhos iniciais. Naquela época havia possibilidades para reunir o organismo supremo do Partido. Mas quando a ditadura de Dutra lançou o P.C.B. na ilegalidade tornou-se impossível levar a cabo o IV Congresso, uma vez que o Partido não estava preparado para realizá-lo na clandestinidade. Insistir então na sua realização seria favorecer os inimigos do Partido e da classe operária.

Agora, no entanto, apesar de viver na ilegalidade, o Partido reforçou-se orgânica, política e ideologicamente. Aperfeiçoou seus métodos clandestinos de trabalho e pode enfrentar com o mínimo de risco uma tarefa de tal envergadura. O Partido está preparado para realizar com segurança e o máximo proveito o IV Congresso.

Por sua vez, nas atuais circunstâncias, a

realização do IV Congresso é uma exigência inadiável para o Partido, em virtude da necessidade imediata de aprovar o novo Programa do P.C.B. e modificar os seus Estatutos.

A ocasião oportuna para a realização do IV Congresso é a atual. Antes seria inoportuno, perigoso e sem finalidade.

QUAIS SÃO AS ATRIBUIÇÕES DO CONGRESSO DO P.C.B. ?

PERGUNTA de Paulo da Silva Magalhães — Distrito Federal.

RESPOSTA: Como definem os Estatutos do Partido Comunista do Brasil, o Congresso do P.C.B. é o organismo supremo do Partido. O Congresso representa de maneira viva o pensamento e a vontade de todos os membros e organizações do Partido manifestados nas assembleias dos organismos das diferentes instâncias, que têm lugar durante o período anterior à realização do Congresso. Reunindo-se ordinariamente de três em três anos por convocação do Comitê Central, o Congresso do Partido discute e aprova os informes apresentados pelo Comitê Central; revê e modifica o Programa e os Estatutos do Partido; determina a linha tática a ser seguida pelo Partido; eleve o Comitê Central do Partido. Como se vê, o Congresso discute e delibera sobre as mais importantes questões do Partido.

De acordo com as atribuições conferidas ao Congresso pelos Estatutos do Partido, o Comitê Central resolveu convocar para este ano o IV Congresso do P.C.B., estabelecendo a seguinte ordem do dia, constante da declaração que, em nome do C.C., fez o camarada Prestes:

- 1) Informe de balanço do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil, informante, o secretário geral do P.C.B., camarada Luiz Carlos Prestes.
- 2) Sobre o Programa do P.C.B. — informante, o secretário do C.C., camarada Diógenes Arruda.
- 3) Modificações dos Estatutos do P.C.B. — informante, o secretário do C.C., camarada João Amazonas.
- 4) Eleição dos órgãos centrais do Partido.

O CAMINHO HISTÓRICO DO P.C.B.

O IV Congresso do Partido Comunista do Brasil, que em breve será realizado, com a finalidade de, entre outros assuntos, decidir finalmente sobre o histórico Projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil e o Projeto de Estatutos do P.C.B. será a mais importante reunião de nosso Partido, em seus trinta e um anos de vida.

Ela continuará, em um nível mais alto, o trabalho dos anteriores Congressos, em prol da libertação de nosso povo, assinalado pelas importantes medidas tomadas nos Congressos anteriores e que resumimos abaixo.

O I Congresso do P.C.B. realizou-se a 25, 26 e 27 de março de 1922 no Rio de Janeiro. Foi o Congresso de fundação do Partido e contou com a participação de 9 delegados. Sua ordem do dia constava de: 1) Exame das 21 condições para admissão do Partido na Internacional Comunista; 2) Estatutos do Partido; 3) Eleição da Comissão Central Executiva; 4) Ação pró-flagelados do Volga; 5) Assuntos vários.

O II Congresso realizou-se também no Rio, a 15, 17 e 18 de maio de 1925, com a participação de 17 de-

legados. Desses, 6 pertenciam à Comissão Central Executiva, 5 às regiões do Rio e Niterói, 2 à de Pernambuco, 1 à de São Paulo, 2 à de Santos e 1 à de Cuba. As resoluções do II Congresso determinava que toda a atividade prática devia estar ligada de um lado ao movimento revolucionário internacional, de outro à luta contra o imperialismo. Dizia uma das resoluções: «Luta geral em prol da U.R.S.S. contra o imperialismo capitalista e seus aliados e servidores fascista e socialistas-reformistas. Luta coordenada em comum com os Partidos irmãos de toda a América, particularmente contra o imperialismo norte-americano». O II Congresso também adotou o Estatuto-padrão para as seções da I. C., reorganizando-se à base de células.

Quanto ao III Congresso realizou-se nos últimos dias de 1928 e nos primeiros de 1929, em Niterói. Começou seus trabalhos a 29 de dezembro, encerrando-os a 3 de janeiro. Desse Congresso participaram 31 delegados, sendo 10 membros do

Comitê Central, 5 delegados da região do Rio, 2 da região de Pernambuco, 1 do Espírito Santo, 3 de S. Paulo, 1 do Rio Grande do Sul, 1 de Campos e 2 da Juventude. Havia ainda 3 elementos com direito a voz e 3 assistentes.

Sua composição social foi predominantemente operária, pois de seus 31 membros, 16 eram operários, 6 empregados, 6 intelectuais e 3 de profissões diversas.

A ordem do dia do Congresso abarcava 11 pontos. Em suas resoluções o Congresso recomendou que se fizesse da luta contra a dominação imperialista o fio condutor de todas as batalhas a serem travadas. Resolveu-se reforçar o trabalho nos sindicatos e coordenar melhor suas atividades.

Além de outras resoluções, o Congresso aprovou os novos Estatutos e elegeu os novos membros do Comitê Central que ficou constituído por 18 membros efetivos e 7 suplentes. Criaram-se as comissões de organização, agitação e propaganda, sindical, mulheres e camponesas.

ASSIM OS IANQUES SUGAM A RENDA NACIONAL

★ 15 bilhões de cruzeiros extraídos do Brasil em dois anos, segundo os próprios dados oficiais diminuídos. ★ Com o que pagamos de frete às companhias estrangeiras de navegação poderíamos ter comprado 50 navios ★ 1 bilhão e 100 milhões de dólares de patrimônio reunidos á custa do assalto ao povo

As garras do imperialismo norte-americano sobre a economia nacional, a política de saque exercida pela Standard Oil, American Coffee, Brazilian Traction, Bond and Share, General Electric, General Motors, Ford, Bung & Born, Anderson Clayton, Moore Mc Cormack, os trustes da indústria química e farmacêutica, da metalurgia, da indústria de cimento e fósforos, para falar apenas dos mais poderosos, representam os maiores fatores do atraso e da miséria em que se debatem o Brasil e seu povo.

Atuando no Brasil, esses grupos do imperialismo ianque, através de suas subsidiárias locais, e contando com a proteção dos governos de traição, aplicam a política de dominar e saquear as fontes nacionais de matéria-primas, controlar o mercado interno, espoliar as massas trabalhadoras das cidades e dos campos, às quais pagam salários de fome.



A «SANBRA» e a «Anderson Clayton», ambas de capitais norte-americanos são os maiores exportadores de algodão. Detendo em seu poder a maioria das máquinas de beneficiamento, podem manter um odioso monopólio sobre o conjunto da economia algodoeira.



AS EXPORTAÇÕES de Café do Brasil são dirigidas pela American Coffee e outros grupos ianques ou muito dependentes de capitais ianques. A American Coffee traça o preço do café, movimenta as cotações da bolsa, ao sabor das suas especulações e do seu amor aos lucros máximos.

Como resultado dessa política de assalto, a que seus porta-vozes chamam de «cooperação», podem remeter para suas matrizes nos Estados Unidos lucros anuais elevadíssimos, desfalcando a renda nacional, dificultando assim o progresso do país e reduzindo à miséria o povo.

OS TRUSTES IANQUES DO CAFÉ E DO ALGODÃO

O café e o algodão, nos últimos anos, chegaram a representar 80% do valor das exportações brasileiras. Isto significa que são esses dois produtos os grandes formadores de divisas no exterior, de moeda estrangeira para garantir, as importações necessárias à vida do país.

Pois bem, foi justamente sobre o café e o algodão, entre os produtos de exportação (além dos produtos estratégicos, como minérios) que o imperialismo ianque lançou suas garras e consegue manter um domínio quase absoluto.

Não é segredo que as grandes exportações de café do Brasil são dirigidas pela American Coffee, uma subsidiária do poderoso trust Atlântico & Pacífico, pela firma Hard Band e outros grupos ianques ou muito dependentes de capitais ianques (o «Observador Econômico e Financeiro», dezembro de 1953, traz a lista dos exportadores de café). Pertencem-lhes talvez 70% do movimento global das exportações nacionais do produto. Além disso, a American Coffee é a chamada «primeira líder» do mercado cafeeiro. Cabe-lhe traçar o preço do café, movimentar as cotações de bolsa, claro que ao sabor das suas especulações e do seu amor ao lucro máximo.

Quando ao algodão, os maiores exportadores do país são a «SANBRA» e Anderson Clayton, ambas de capitais norte-americanos. Essas duas firmas exportaram 72 mil toneladas de algodão em arma pelo porto de Santos, em 1951 (49% do total exportado) e 20 mil (44% do total) em 1952. Pertencendo-lhe, ainda, a maioria das máquinas de beneficiamento, podem manter nas suas mãos um odioso monopólio sobre o conjunto da economia algodoeira.

Essa posição monopolista exercida pela American Coffee, Anderson Clayton, Hard Rand, «SANBRA» e os demais grupos ianques exportadores de café e algodão, permite-lhes auferir anualmente lucros altíssimos, construídos sobre a miséria da grande massa camponesa que trabalha a terra, lucros que em geral são logo drenados para o exterior, utilizando o câmbio em dólar ou por via clandestina, jogando com falsos preços de importação e exportação.

QUATRO BILHÕES DE CRUZEIROS EM FRETES

O fato do nosso comércio exterior estar nas garras de grandes empresas norte-americanas de exportação e importação é um ponto explicativo do monopólio que a Moore Mc Cormack, a Delta Line e outros grupos ianques do setor de navegação exercem nas atividades de transporte marítimo de mercadorias do Brasil para o exterior e vice-versa.

Realmente, a frota mercante do Lorde Brasileiro não chega a transportar, anualmente, 10% das mercadorias exportadas ou importadas pelo Brasil. Escassos de navios? Não, que é comum os navios do Lorde saírem de portos do exterior com lastro de areia, por falta de mercadorias para transportar. É que a American Coffee, a Ford Motor, a General Electric, para citá-las como exemplos, preferem entregar suas mercadorias aos navios da Mc Cormack e de outras empresas também da terra do dólar.

Um nos resultados: pagamos de fretes às companhias estrangeiras de navegação, anualmente, entre 3 a 4 bilhões de cruzeiros, quantia vultosa, que representa um desfalque pesadíssimo à renda nacional.

Seria curioso observar que com o dinheiro drenado para o exterior, nos últimos 5 anos, na forma de pagamento dos fretes de transporte marítimo, poderíamos ter adquirido talvez uns 50 navios de grande e média tonelagens, para navegação internacional.

AS CADEIAS DO IMPERIALISMO SOBRE A ECONOMIA NACIONAL

Fortes grupos do capital imperialista norte-americano dominam hoje os principais setores da economia nacional. Seus nomes e posições: na indústria de energia elétrica os monopolistas são a Brazilian Traction (hoje mais americana que canadense) e as subsidiárias «nacionais» da American Foreign Power (Bond and Share); na indústria alimentícia entre outros dominam os moinhos do Bung Born (55% da moagem e do comércio de trigo) e os frigoríficos Armour, Swift e Wilson, além de que Rockefeller continua avançando na atividade de criação de porcos e plantio de gêneros alimentícios; nas indústrias mecânicas, indústria de montagem, dominam a General Electric, a Ford Motor Company, a General Motors, a Otis Elevator; na indústria de cimento os grandes monopolistas são a Lone Star Cement, com o nome de Cia. Nacional de Cimento Portland Mauá, e Canadian Foreign Investment, hoje grupo americano, acobertado pelo nome de Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus; na indústria de material elétrico são a Standard Electric, a Radio

Corporation of America (R.C.A. Vitor), a Westinghouse Electric, além da General Electric; nas indústrias químicas e farmacêuticas aparecem Sydney Ross, Parke Davis, Squibb, Lilly, Scott Browne, Colgate, Elizabeth Arden; na indústria de artefatos de borracha aparecem Firestone, Good Year e Pirelli (G.E.); e mais Singer Machine, Acumuladores Prest — O — Lite, Gillette Safety Razor, All America Cables, Coca-Cola Export, Sears Roebuck, e outras e outras de setores os mais diversos. Sobre todas, atua a Standard Oil, com as suas subsidiárias Standard Oil of Brazil, The Colonic Company, The Texas Company e Atlantic Refining, além da Cia. Ultra Gaz, da Cia. Nacional de Gás Esso e várias empresas de atividade no setor de agricultura e pecuária, que são ramificações da International Basic Economy Corporation.

Quem quiser apreciar a técnica do comando que a Standard Oil procura exercer sobre outros grupos do imperialismo ianque no Brasil e seu trabalho para obter uniões pessoais com certos setores já desmoralizados da burguesia nacional, que assista (se lhe deixarem) às reuniões do Clube dos Diretores de Empresas, realizadas mensalmente no Edifício da Standard, à Av. Presidente Wilson n. 118.

DOMINAÇÃO IANQUE

O Imperialismo ianque dispõe hoje no Brasil, segundo a contabilidade das suas empresas, de um patrimônio físico superior a 1.100 milhões de dólares (dipamos 33 bilhões de cruzeiros).

Note-se, porém, que menos de um terço desse capital quer dizer, cerca de 350 milhões de dólares, foram realmente trazidos do exterior, na forma de máquinas, equipamentos ou mercadorias para investimentos industriais ou serviços. O patrimônio que as empresas americanas dizem dispor no Brasil, como não foi construído com seus próprios capitais, mas com o produto de seu assalto à bolsa do nosso povo e o esfomeamento do proletariado, na verdade não lhes pertence.

A pretensa ajuda dos dólares norte-americanos entre nós, se reduz ao seguinte processo: as empresas chegam ao Brasil trazidas e equipadas, expresso e máquinas desgastadas e equipamentos. Passam imediatamente a arrancar lucros elevados, à base da aquisição de matérias-primas a baixo preço e pagamento de salários de fome aos seus operários. Parte desses lucros é remetida para suas matrizes no exterior, e o restante é reinvestido na empresa. O lucro, produto do saque às forças econômicas nacionais, se incorpora ao capital estrangeiro original.

Documentos oficiais, como o Relatório do Banco do Brasil (1952) e a própria mensagem de Getúlio ao Congresso Nacional, do mesmo ano, não conseguem esconder que de 29 bilhões de cruzeiros, a quanto montavam os capitais estrangeiros registrados na Fiscalização Bancária, em 1951, precisamente 15 bilhões resultavam de lucros não transferidos e reinvestidos.

Estão à vista as análises de balanços realizadas pela revista «Conjuntura Econômica», que ajudam a esclarecer (claro, não é possível esconder) o regime de lucros máximos, de saque à renda nacional, de expropriação ao trabalho do nosso povo, em que vivem as empresas norte-americanas. Sabese assim que a Standard Oil, através de

suas várias subsidiárias, arranca lucros anuais da ordem de um bilhão de cruzeiros. Podemos afirmar que o movimento de lucros dos principais grupos ianques, incluindo-se a Brazilian Traction, o Bung Born, a American Coffee, a Bond and Share, a Ford, a General Electric, a Anderson Clayton e a própria Standard, é superior a 5 bilhões de cruzeiros.

Até o National City Bank ou o Bank of Boston realizam uma política de absorção e drenagem de capitais nacionais para o exterior, baseados na movimentação dos recursos que lhes proporcionam os depositantes brasileiros. Seu capital, em moeda estrangeira, é em geral baixo, mas os recursos em moedas nacionais, quer dizer, o dinheiro que nosso povo lhes entrega para depósito, e que é negociado no giro bancário, esse é farto, e lhes permite lucros altíssimos.

Do último discurso do sr. Oswaldo Azeiteira na Câmara dos Deputados obtivemos estas cifras impressionantes, que revelam o saque confessado do imperialismo ianque sobre a economia nacional:

(Diário do Congresso, 10.11.53, pgs. 3933)

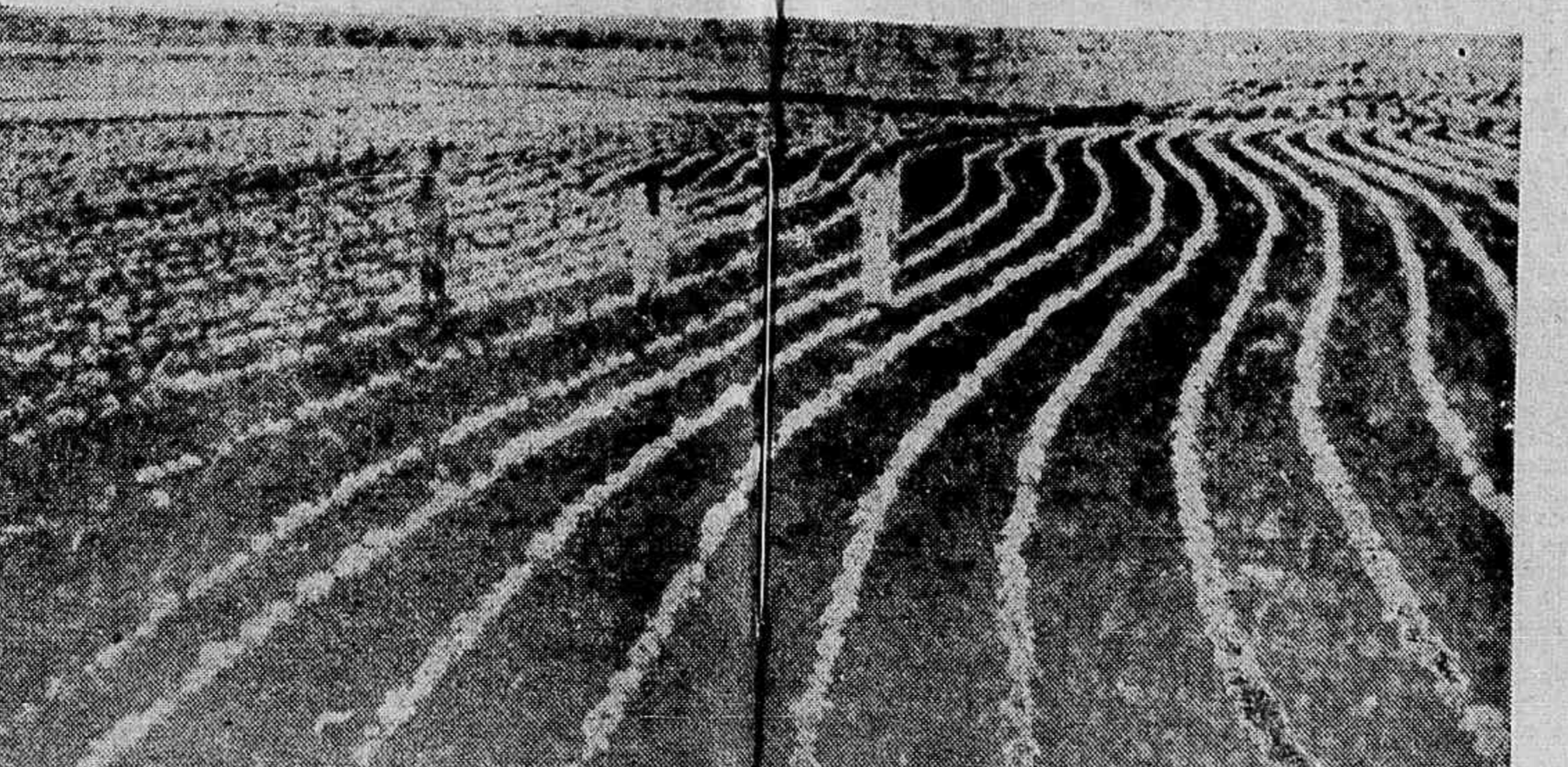
	1951	1952
Fretes pagos as empresas estrangeiras de navegação (em milhões de crs.)	4.267	4.177
Lucros remetidos pelas empresas estrangeiras (em milhões de crs.)	1.575	668

Pagamento de outros serviços do capital estrangeiro (dívida externa, etc.) em milhões de crs. 2.205 1.431

Isso significa que remetemos para o exterior, sobretudo para os Estados Unidos, nos dois últimos anos, quase 15 bilhões de cruzeiros. E como essas remessas se fazem notadamente em dólar, podemos compreender o desfalque que representam para a economia do país. Esses 15 bilhões de cruzeiros deveriam servir para manter as nossas importações essenciais de máquinas, de matérias-primas, equipamentos industriais.

De fato, 15 bilhões de cruzeiros exportados como lucros para os Estados Unidos em dois anos significam anualmente cerca de 7 bilhões de cruzeiros, o que seria mais do que suficiente para retirar inteiramente o nosso comércio exterior do atoleiro em que se encontra. Isto seria conseguido pela simples fato de o país não ser mais drenado como vem sendo pelo imperialismo ianque. Pode-se imaginar o que resultaria com a aplicação de todo esse dinheiro para o desenvolvimento do país. É compreensível que não faltariam recursos ao governo que confiscasse os capitais e empresas norte-americanas, para desenvolver os ramos básicos da economia nacional. Este simples exemplo deixa claro o fundo da argumentação difundida pela propaganda imperialista a respeito da falta de capitais para utilizar produtivamente as riquezas de nossa Pátria. A verdade é que estes capitais não faltam, simplesmente são desviados, em grandes massas, para os Estados Unidos, impedindo-se com isso o progresso do Brasil e mantendo-se o povo brasileiro na miséria.

Para que isto não continue é que precisamos libertar o Brasil das garras do imperialismo norte-americano, por abaixo o governo de Vargas, conquistar um governo democrático de libertação nacional, legítimo representante das camadas progressistas e ant imperialistas do povo brasileiro.



Extensos algodões são controlados pela Anderson Clayton e «SANBRA». Essas duas firmas exportaram 72 mil toneladas de algodão em arma pelo porto de Santos em 1951 (49% do total exportado) e 20 mil (44% do total) em 1952.

Sob a presidência do vereador Manoel Moreira Camargo realizou-se em Vitória no Recinto da Câmara Municipal o Congresso de Defesa da Monazita e do minério de ferro. Ao lado a mesa diretora da sessão de encerramento, vendo-se da esquerda para direita, o Dr. Erico Neves, secretário geral do Congresso, vereador Agenor Amoroso dos Santos, general Edgard Buxbaum, deputado Custódio Tristão, Dr. Roberto Costa, Jelegado de Minas Gerais e o geólogo Ernesto Fouchain.



Em marcha para a Convenção pela Emancipação Nacional!

A Reunião de Fevereiro, Coroamento Dos Exitos Anteriores.

★ IMPORTANTE REUNIÃO PRELIMINAR DA CONVEÇÃO PELA EMANCIPAÇÃO NACIONAL

★ O CONGRESSO DA MONAZITA E DO MINÉRIO DE FERRO DE VITÓRIA, APOIA A PATRIÓTICA INICIATIVA

A REUNIÃO Nacional para debate preliminar do Tema da Convenção pela Emancipação Nacional, recentemente convocada pela Comissão Promotora para o próximo dia 3 de fevereiro está destinada a marcar importante avanço nos trabalhos preparatórios do grande congresso. Sua realização corresponde realmente a uma necessidade imposta pela própria situação que já vem atuando na maioria dos Estados os debates em torno dos problemas locais, regionais e nacionais, por meio de simples reuniões e assembleias, até congressos e conferências de grande envergadura.

A reunião do dia 3 de fevereiro surge portanto como um coroamento de toda uma série de realizações. Este o sentido da convocação feita pela Comissão Promotora da Convenção, que tem na presidência os deputados federais Vieira de Melo, Euzébio Rocha e Campos Vergal e os generais Felício Cardoso, Artur Cyrano e Edgar Buxbaum. Trata-se, no mesmo tempo, de debater preliminarmente o Tema, dar um balanço no caminho percorrido, onde se destacam importantes êxitos, e definir no máximo, nos dois meses que ainda nos separam da Convenção, todo o poder criador e mobilizador dos patrióticos debates.

Para assegurar o pleno êxito da reunião do dia 3 próximo, a convocação, secundada por uma entrevista do general Felício Cardoso sugere a realização de reuniões, assembleias, conferências etc. no Distrito Federal nas quais se designem os delegados a esse debate preliminar. Quanto aos Estados, a convocação mostra a necessidade de que se organize um programa de mobilização popular em torno do ato semelhante, concluindo-se pela designação das personalidades que terão suas sugestões e críticas ao Tema, e cuja presença na Reunião Nacional do dia 3 é considerada de decisiva importância.

APOIO A CONVENÇÃO

O apoio obtido desde o início pela Convenção, que nos seus últimos meses vem se ampliando, pôs em evidência e pôs em profundamente democrático de que se revestem os debates. Recapitulamos os principais atos em que se deu apoio à Convenção e outras notícias.

Em São Paulo, por exemplo, ainda em fins do ano passado realizava-se o Congresso de Racionamento que aprovou entre outras, a resolução relativa à emancipação da Light e da Bond & Share. Posteriormente teve lugar na Capital paulista o I Congresso do Cinema Brasileiro, cujas leis e resoluções constituíram verdadeiro libelo contra os trustes americanos avassaladores da nossa indústria cinematográfica, e em defesa da arte e da cultura nacionais.

Por último reuniu-se em Ribeirão Preto, o Congresso de Energia Elétrica, por iniciativa das câmaras municipais e que congregou prefeitos, vereadores, industriais, comerciantes e trabalhadores de 131 municípios que sofrem a opressão do monopólio imposto pelo truste norte-americano Bond & Share e que resolveu, como os demais conclaves citados, apoiar e enviar delegação à Convenção pela Emancipação Nacional.

No Distrito Federal, deu apoio à Convenção o Congresso Carioca Contra a Carestia e o Racionamento, que concluiu pela necessidade da encapação da Light e outras medidas tendentes a baixar os preços dos gêneros, e utilidades essenciais. Na zona rural carioca, numerosas assembleias têm sido realizadas, com grande participação de sítiantes, arrendatários e posseiros, os quais se batem por créditos a baixo juro e a longo prazo, pela garantia de posse da terra contra os grileiros, por assistência técnica e a organização de cooperativas, entre outras importantes reivindicações. Várias assembleias de sindicatos, entre os quais o de Carris Urbanos e Sapateiros, apoiaram a Convenção, designando seus delegados. Prestigiosos líderes sindicais e presidentes de sindicatos aderem à iniciativa.

No Ceará, onde centenas de milhares de pessoas sofrem o flagelo das secas, foi realizada, em Fortaleza, a Conferência Para Debater os Problemas da Seca e das Massas Flageladas, a qual aprovou resoluções de alta significação e que, trazidas à Convenção pela Emancipação Nacional, representarão importante subsídio aos debates.

Em São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Maranhão, Goiás, Espírito Santo e outros Estados, já foram organizadas comissões de iniciativa para a realização de reuniões em apoio à Convenção pela Emancipação Nacional.

Finalmente, reveste-se de grande importância o apoio dado à Convenção pela Assembleia Legislativa de Sergipe, pelos Centros de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional em vários Estados, pela Federação de Mulheres do Brasil que elegu delegação da sua II Conferência realizada em Porto Alegre por vários Centros e Diretórios Acadêmicos e filiais estudantis, pela Federação Brasileira da Juventude. Em Minas Gerais já se realizaram vários atos públicos em defesa dos nossos minérios, particularmente em torno do projeto do deputado Dilermando Cruz, pela encampação da Companhia Meridional, subsidiária do truste United States Steel Co.

O CONGRESSO DE DEFESA DA MONAZITA

Verdadeiro ato preparatório à Convenção pela Emancipação Nacional, realizou-se ultimamente o Congresso de Defesa da Monazita e do Minério de Ferro, que teve lugar na Câmara Municipal de Vitória. Rodada de calorosa simpatia popular a iniciativa do Congresso ganhou grande vulto, tendo-se empenhado em sua propaganda e preparação vários órgãos da imprensa local e radio-emissoras. Praticistas, líderes sindicais, estudantes, vereadores, industriais, líderes sindicais, aderiram ao Congresso e em numerosos municípios capixabas e bairros da capital foram eleitas delegações em reuniões e assembleias.

Do Distrito Federal rumou para Vitória uma delegação presidida pelo general Edgard Buxbaum.

Uma delegação do Estado de Minas também compareceu presidida pelo general Edgard Buxbaum.

Centenas de pessoas compareceram para assistir ao conclave cujos debates, por meio de alto-falantes, foram levados à grande massa que se reuniu na Praça da Independência, Praça Oito, Casa das Barbas e Vila Rubim.

Os dias 9 e 10 do corrente transcorreram em meio a grande vibração na capital capixaba. Os temas patrióticos debatidos no Congresso ganharam grande repercussão na opinião pública que, com amplitude jamais atingida no Espírito Santo, participou dessa etapa de luta em defesa das riquezas nacionais. Entre as resoluções mais importantes adotadas pelo Congresso, resultou a que recomenda a encampação da MIERA (Monazita, fonte de ferro do truste americano Dupont de Nemours o qual saqueia as jazidas de minérios raros daquele Estado. Aproveitou ainda o Congresso resoluções no sentido de encampação da Bond & Share, da Light, comércio livre para a exportação de ferro, relações diplomáticas com todos os países, encampação das minas de manganês, proibição da exportação de monazita, defesa das liberdades públicas, encampação do comércio em grosso de petróleo e seus derivados, lutar por um governo que realize essas aspirações do povo e enviar uma delegação à Convenção pela Emancipação Nacional.

PROGRAMA DE AÇÃO COMUM

Marcham assim as forças progressistas brasileiras, no calor dos debates patrióticos focalizando desde os problemas da carestia e do padrão de vida, até as questões básicas da energia elétrica, dos minérios, do comércio exterior, das transformações democráticas no país e da Independência nacional, para a realização de uma Convenção representativa dos anseios nacionais. É a própria vida impondo a luta em torno de um programa comum a ser elaborado para a conquista da emancipação e um futuro radioso para nossa Pátria. A reunião do dia 3 marcará um passo decisivo em direção a esse objetivo que aproxima todo o país, as forças do progresso e da libertação.

VOZ DOS LEITORES

QUANTO LUCRA O CADEM NAS COSTAS DE CADA MINEIRO?



O nosso correspondente das minas de Butiá, Rio Grande do Sul, narra um fato que mostra o quanto é grande a exploração dos mineiros e quanto lucro arranca a companhia, CADEM das costas de cada trabalhador.

A revelação do fato foi feita, aliás, por um mineiro aposentado apelidado de «Quedo» que sempre foi um elemento ligado à administração, protegido pelos chefes. Apesar disso, lá está ele, com apenas 36 anos de idade, aposentado com 20 anos de serviço com os pulmões e o coração arruinados.

Apenas num mês «Quedo» retirou 1.220 carros de carvão com a média de 600 quilos de carga o que dá um total de 732.000 quilos. Vendendo esse carvão na base média de 290 cruzeiros a tonelada, o CADEM ganhou 212.280 cruzeiros nas costas do seu protegido, a quem pagou um salário bruto de 2.465 cruzeiros. Considerando que esse salário é dos mais elevados da mina, imagine-se o quanto não lucra a companhia com o trabalho escravo de todos os mineiros.

O fato de que «Quedo», como trabalhador renegado de sua classe, tenha sempre exercido um papel de agente patronal, não o livra, como se vê dos efeitos dessa exploração e é

surpreendente como esse homem, vítima do regime em que vivemos, continue ainda a amassar os mineiros em proveito das mãos de mina...

FALTA DE ASSISTENCIA

Pelotas (Do correspondente) — D. Nair Batista Moreira, esposa de um pobre funcionário municipal tem quatro filhos e, depois do último parto, há meses, teve que se submeter a uma operação. Dado o seu debilitamento geral, sobreveio-lhe a tuberculose e teve que baixar a Santa Casa, onde se encontra entre a vida e a morte. Um amigo da família procurou a Legião Brasileira de Assistência para solicitar estrepotomicina e ali, além de ser maltratado, ouviu a resposta de que essa instituição não possui verbas para remédios. Por culpa exclusiva do governo, que extorque dinheiro do povo e só apresenta uma «assistência social» de fachada, que reduz os trabalhadores à miséria extrema minando-lhes a saúde, a pobre mulher poderá morrer deixando quatro órfãos menores que, por sua vez, nenhuma assistência receberão.

IMPERA O REGIME DO "VALE" NA CHARQUEADA S. ANTONIO

BAGE' (Do correspondente) — Na charqueada de Santo Antonio, durante a chamada «safra verde» o trabalho se subdivide em várias categorias: carneadores, charqueadores, descarnadores, matambreiros, salgadores, manteiros, desmanchadores de alcatra, etc. Mas compreende esses serviços, há a Salga de Charque, Salga de costos, seção de cavados, miudezas etc. Na safra seca todos se reúnem num serviço só — os varais, a secagem e o emalamento do charque. Então os capatazes da seção da safra verde passam a ser os «cuidadores». Na Charqueada S. Antonio há em exercício desses vigias sob o comando do capataz geral e sua função é oprimir e dividir os trabalhadores.

Os operários solteiros dormem amontoados em quartos anti-higiênicos sem água e as camas são tarimbas de tábuas dura e na safra verde chegam a dormir seis rapazes num quarto. Se algum adoecer não há socorros médicos.

Os patrões mantêm armazéns em sociedade com os negociantes e ali os trabalhadores são duramente explorados vivendo no regime do «vale» e do desconto em folha. Se em Bagé um quilo de feijão custa 4,50, custa 5 na Industrial e 5,50 na S. Antonio. Os donos da charqueada são os Gomes, que são também fazendeiros e industriais de sabão, velas, curtumes e caieiras de Bagé. Quem toma conta do serviço é o gerente Abraão que não entra em contacto com os operários e manda-os para o capataz. Este, por sua vez, se apoia nos «cuidadores», cujas informações, por mais arbitrárias que sejam, bastam para que o operário seja demitido sumariamente.

Situação idêntica reina nas demais charqueadas, sendo que a «S.ª Teresa», mantém os operários morando em casas péssimas. Mas os trabalhadores possuem um poderoso instru-

mento de luta — é o Sindicato dos Trabalhadores de Carnes e Derivados e, ao se unem dele, dele e realizam assembleias e demonstrações, têm todas as condições para conquistar melhores condições de vida e de trabalho negadas pelos patrões e pelo governo das Vargas, servil dos latifundiários e grandes capitalistas e dos imperialistas norte-americanos.

SAUDAÇÕES A PRESTES PELO SEU ANIVERSÁRIO

Numerosas cartas contendo saudações a Prestes pela passagem do seu 58º aniversário continuam chegando à nossa redação.

De Itumbiara, Minas Gerais, escreve a leitora Paul de Oliveira Amarel comunicando que no dia 3 de janeiro último foi organizado um comitê naquela cidade de venda de rifa de um álbum de Prestes durante o qual foi feita distribuição de boletins da Campanha Pró-imprensa Popular. Num prédio em construção dois operários contribuíram com 25 cruzeiros para a impressão popular, atendendo ao apelo do Cavaleiro da Esperança.

Da cidade de Rio Grande, R.G. do Sul, escreve o nosso leitor José Marques de Mendonça saudando Prestes e, ao mesmo tempo transmitindo a notícia de uma comemoração feita naquela cidade no dia do aniversário do secretário geral do Partido Comunista do Brasil, durante a qual foram lidos vários trechos do programa do Partido Comunista do Brasil. Vários oradores fizeram uso da palavra e durante a festa foi homenageado também o líder popular Antonio Pracinha. Na madrugada do dia 3 a cidade foi iluminada por numerosas salvas de fogos de artifício saudando a grande data.

O operário da Construção Civil Benedito Pascoal enviou um cartão de felicitações a Prestes, juntamente com curatinhas de autoria de Aurélio.

O leitor Gaspar M. Silveira, de Montenegro, enviou um poema intitulado «Saudação ao Herói de 22», no qual saúda Prestes desejando-lhe muitos anos de vida para salvar o Brasil. Junto mandou também uma pequena charge de combate à guerra da vida.

De Iardimópolis o leitor Roberto Corrêa escreve uma comovida carta saudando a grande Prestes, em que diz: «... tenho a certeza de que tremulará nos céus da nossa querida Brasil a bandeira internacional do proletariado do mundo inteiro».

Salvador Prestes. Se ele é louvado pelo povo é porque sempre a doutrina marxista e é um dirigente das reuniões do socialismo científico Lênin e Stálin. Assim, louvamos esta grande figura de minha era e sou feliz em viver em nossos dias. E que estas primavera se renfiam por muitos anos e nosso povo jamais esquecerá este grande filho — Luiz Carlos Prestes.

A jovem Sara escreve uma carta em louvor ao Partido e a Prestes em que diz: «Eis o que penso sobre nosso Partido: uma grande família onde todos se irmanam para um único fim: ajudar nossos semelhantes que buscam uma saída para libertar-se. Uma grande família onde todos seguem a criteriosa e

dedicada orientação de um pai extremo e interessado no esclarecimento e compreensão de seus filhos. Nosso Partido tem como pai dedicado às causas do nosso proletariado, Luiz Carlos Prestes. Juntamente enviou umas curatinhas em homenagem a Prestes.

«Salve o Cavaleiro da Esperança», foi o texto do telegrama enviado à VOZ OPERÁRIA pelo paulista Carmo Fontana Rosa.

Um leitor de Paraguaçu Paulista escreve-nos homenageando a data do aniversário de Prestes e dizendo que foram feitas naquela cidade várias inscrições murais por motivo do 3 de Janeiro bem como distribuída grande quantidade de boletins onde se lia: Viva Prestes! Viva a Libertação Nacional! Abaixo a Carestia e Desapareçam os tubarões.

Lúcia, leitora da VOZ OPERÁRIA, por motivo do aniversário de Prestes enviou-nos um pequeno artigo intitulado «O Valor de Ser Comunista», em que diz: «O Comunista é como uma nova aurora nos dias negros das classes oprimidas. Ele surge das almas nobres e sensíveis». E conclui: «O Valor de ser comunista está em ser fiel discípulo do grande Luiz Carlos Prestes».

De Porto Novo, Minas, informa o nosso correspondente que o aniversário de Prestes foi festivamente comemorado. Mais de uma dúzia de painéis escritos dos dois lados saudando Prestes foram colocados nos pontos centrais da cidade; em dois centros espíritas foram feitas preces em favor de Prestes.

O SESI E A PAZ SOCIAL

Escreve o leitor Luiz, de Taubaté, um artigo em que desmascara a organização criada pelos patrões para iludir o trabalhador, o famigerado SESI, a fábrica C.T.I. de Felix Guizard, o SESI mantém um armazém onde, para se adquirir gêneros, se é obrigado a ficar às vezes dois dias e duas noites nas filas, exposto ao frio e ao sol. Além disso, por incrível que pareça, é precisamente quando o operário fica doente, que o SESI suspende o fornecimento. Um operário, por exemplo, já chegara a adquirir alguns gêneros quando chegou da gerência da empresa um comunicado informando que o mesmo estivera doente. Foi a conta. Tomaram a mercadoria do operário. «Esta é a «paz social» de Getúlio apresentada pelo SESI, que substituiu o slogan de Felix Guizard: «Paciência, prudência e perseverança».

Ambos tentam incutir a idéia da colaboração de classes como se isso fosse possível. Enfim a paz social é uma maravilha para os patrões, para Getúlio e para os imperialistas norte-americanos. Os operários ou, como dizem «os beneficiários do SESI», estes têm que apoiar-se na solidariedade dos companheiros do trabalho.

O LIDER UDENISTA QUER ROUBAR A TERRA DOS POSSEIROS DE BUCAIÁ

DOURADOS — Estado de Mato Grosso — (Do correspondente) — Segundo informa um camponês da região do Bucaiá, residem naque-

VOZ OPERARIA

Nos. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191

Tenham-se esgotados as edições de VOZ OPERARIA N.º 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26 e 191, solicitamos dos nossos leitores e amigos que tenham exemplares dessas edições, e favor de não-los remeterem com urgência a fim de que possamos suprir falhas de nosso arquivo, pelo que muito agradecemos.

A REDAÇÃO



Posta Restante

ZONA DA MATA — Minas. Solicitamos de nosso correspondente e aos leitores em geral, que nos escrevam informando sobre a situação dos operários e camponeses bem como outras camadas da população dessa região. As informações enviadas pelo nosso correspondente sobre a situação dos trabalhadores de Juiz de Fora e Cataguazes são insuficientes. Quanto ganham os operários? As mulheres? Os menores? Quantos tearos tocam e quantos tocavam antes? Quantas horas trabalham? Quais são as condições de higiene? Como vivem os operários? Os preços na cidade? Enfim, todas as informações possíveis, inclusive sobre as atividades sindicais, é o que lhes pedimos a fim de tratar os assuntos com segurança e proveito.

VOCE SABE? — Recebemos uma colaboração manuscrita a finta verde, tratando de assuntos presumivelmente ligados à Prefeitura do Distrito Federal. Igualmente zona rural carioca. Toda a matéria é feita sob forma de perguntas assim: «Você sabia que...». Mas não contém algumas informações essenciais, sem o que não se poderá aproveitar. Solicitamos ao correspondente que nos procure para esclarecimentos.

RECEBEMOS

CRESCIU — Reportagem sobre o início da greve dos mineiros. FORTALEZA — Reportagem de Aymoré Souza sobre os flagelados CATANDUVA — E. S. Paulo — Denúncias sobre violências contra a imprensa popular e os ferroviários de Araraquenses. DISTRITO FEDERAL — Sugestões de J. Silva sobre a questão da difusão da VOZ OPERARIA. JUAZEIRO DO NORTE — Saudação a Prestes pelo seu 58º aniversário. D. FEDERAL — Artigo de Manoel Bonfim Luz Neves sobre Lênin. S. LEOPOLDO — Carta do correspondente desmascarando a demagogia trabalhista dos açouques. LIVRAMENTO — Correspondência denunciando a situação nos frigoríficos. PELOTAS — Três reportagens do correspondente: sobre salário mínimo, violências contra operários e as homenagens a Prestes. Temos, também, em nosso poder, entrevista do sr. Nelson Neves Siqueira. ARTIGO de Adolfo Nunes, sobre Fortalecimento ideológico do Partido comunista. SANTO ANGELO — Reportagem de Flory R. Aguiar sobre frigorífico, olarias, curtumes, fábricas de fumo e outras notícias. SÃO CAETANO DO SUL — Reportagem de A. Guimarães sobre a fábrica Bayon Matarazzo. SÃO PAULO — Artigo de E. E. Marcondes: «Prestes, o Comandante da Revolução de Brasília».

LUTA CONTRA A CARESTIA EM JUIZ DE FORA

JUIZ DE FORA (Do correspondente) — Reina grande descontentamento nesta cidade contra o aumento das refeições no restaurante do SAPS, de 5, para 7,50. Muitos trabalhadores e estudantes que enfrentam sérias dificuldades para viver não podem arcar com o aumento. Os dirigentes do SAPS, pressionados prometem fazer voltar os preços aos níveis antigos. Os presidentes dos sindicatos, porém, vão reunir-se para discutir um plano de ação comum contra a carestia, no que são apoiados pela Associação das Donas de Casa desta cidade.

Por outro lado, os trabalhadores se movimentam reivindicando um aumento de 100 por cento sobre os atuais salários mínimos.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.º and. sala 1712
SUCURSAIS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Scel.
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereços telegráficos da Matriz e das Sucursais:

VOZIERIA
ASSINATURAS

Anual	Cr\$ 60,00
Semestral	30,00
Trimestral	15,00
N. avulso	1,00
N. atrasado	1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM

Nunca Pagamos Preços Tão Baixos... ...E Era o Melhor Trigo do Mundo!

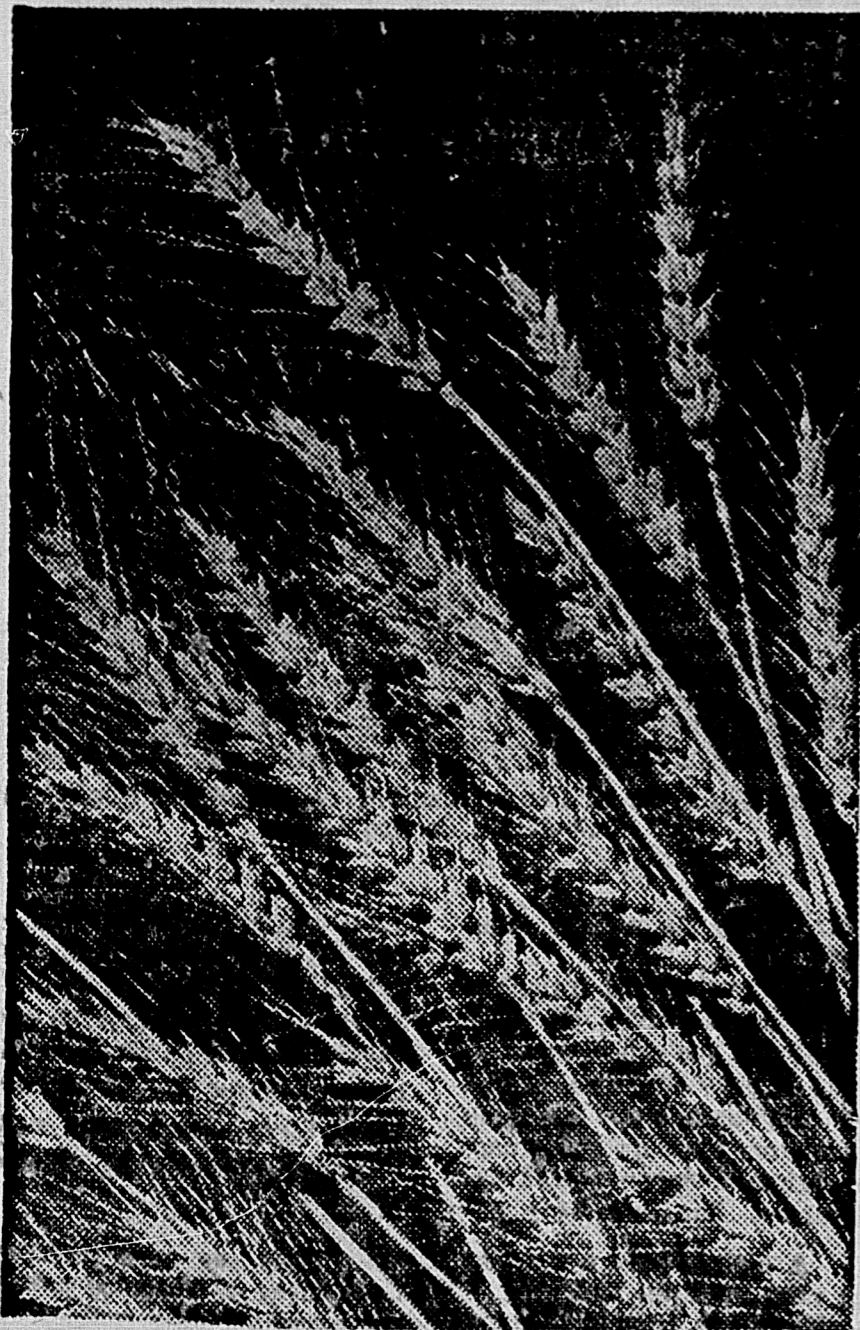
— CUSTOU-NOS APENAS 76 DÓLARES A TONELADA, ENQUANTO PAGAMOS 124 DÓLARES A ARGENTINA — A COMPRA DE TRIGO SOVIÉTICO A TURQUIA E A FINLÂNDIA DEMONSTRAM AS IMENSAS VANTAGENS QUE TEREMOS COMERCIALIZANDO DIRETAMENTE COM A UNIÃO SOVIÉTICA

As primeiras notícias que falavam do fato eram ainda um pouco vagas. No entanto, dias depois, tudo ficou esclarecido ao ver-se a carga que o «Katingo» estava desembarcando em Santos. As declarações do diretor do Serviço Nacional do Trigo, no entanto, vieram revelar todo o alcance do que se estava passando com a compra de trigo soviético pelo Brasil.

«Esclareceu o sr. Itagibe Barçante que o trigo adquirido à Finlândia e à Turquia foi o mais barato até hoje comprado pelo Brasil.

«Acrescentou que se adquiríssemos o produto diretamente da Rússia, a transação se tornaria mais fácil. Haveria também uma economia, com a eliminação do intermediário».

Estas palavras, que transcrevemos da edição de O GLOBO no dia 23 do corrente, mostram as indiscutíveis vantagens que apresenta para o nosso país o comércio com a União Soviética, colocado em termos muito concretos pelos milhares de toneladas de trigo que estão desembarcando em Santos. Já chegaram 10.000 toneladas de um total de 300.000 compradas à Finlândia e à Turquia, sabendo-se que no próximo mês de fevereiro deverão chegar mais 7.200 toneladas pelo menos, somente a bordo do vapor grego «Nikolas Kolukoldis».



Crescem vigorosos os triguais soviéticos. A URSS, país que mais produz trigo no mundo, pode fornecer ao Brasil grandes quantidades do cereal a preços vantajosíssimos

GANHARIAMOS MAIS, SEM INTERMEDIÁRIOS

Os fatos mostraram-se assim mais fortes que os desejos de alguns anti-comunistas furibundos. As relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética são uma exigência da própria vida. Nenhuma proibição lanque pôde por isso impedir que a transação se concretizasse. E assim, o que vinham dizendo os comunistas, o que vinham reclamando expressivas personalidades dos setores de negócios, o que exige o nosso povo revela-se aos olhos de todos não só como algo viável, mas, sobretudo, algo necessário e inteiramente inadiável.

As vantagens que resultam para o nosso país saltam aos olhos. «Custou-nos de 76 a 78 dólares por tonelada», declarou aos jornais o sr. Itagibe Barçante referindo-se ao trigo soviético comprado a outros países. E foi o mais barato já adquirido pelo Brasil.

Sabe-se, por exemplo, que o trigo controlado pelo truste lanque Bung e Born que adquirimos da Argentina nos sai a 124 dólares.

Mas, há um outro aspecto a assinalar nessa transação. No sábado os jornais revelam que o trigo soviético nos sairá a 78 dólares. No domingo, outra notícia saiu nos jornais embora com pequeníssimo destaque: — era proveniente de Istambul e por ela ficava-se

sabendo que o trigo que nos foi vendido a 78 dólares custara aos intermediários 65 dólares apenas, isto é, cerca de duas dezenas de dólares menos que o preço do mercado mundial e 40 dólares menos que o preço oferecido à Índia pelos Estados Unidos em 1950 quando a fome grassava naquele país matando centenas de milhares.

Este telegrama de Istambul revela portanto um novo aspecto: negociando diretamente, as 300.000 toneladas de trigo teriam nos saído por 3 milhões e 300 mil dólares a menos do que o preço que iremos pagar. Em relação ao preço que pagamos pelo trigo argentino, pelo acordo de estancieiros Vargas-Perón, a economia realizada seria de 18 MILHÕES DE DÓLARES!

POR QUE NÃO NEGOCIAR DIRETAMENTE?

Por que então, apesar de todas as vantagens evidentes, e que se apresentam para centenas de mercadorias, o governo de Vargas não negocia diretamente com o Estado Socialista, com a grande União Soviética, beneficiando enormemente o Brasil? Trata-se de que o governo de Vargas é um instrumento dos imperialistas norte-americanos na exploração de nosso povo, trata-se de que o governo de Vargas não orienta seus atos pelos interesses de nossa Pátria, mas, bem ao contrário, pelos interesses dos monopólios norte-americanos que dominam e saqueiam o país. O que dá mais lucro aos Estados Unidos imperialistas, eis o que serve ao governo de Vargas e que ele vai pondo sistematicamente em prática contra os interesses das amplas camadas de nosso povo.

No caso concreto do comércio de trigo, o governo de Vargas está ainda preso ao Acordo Internacional do Trigo que assinou em meados do ano passado. Trata-se de um «acordo» tão lesivo que a Índia e a Inglaterra se recusaram a aceitá-lo. Por ele, o Brasil se obriga a comprar 60 milhões de dólares de farinha de trigo dos Estados Unidos por preços elevadíssimos. Basta lembrar que na época, o acordo foi combatido pelos jornais considerando-se mais vantajoso o trigo argentino em grão, que se compra, como vimos, pelo preço de 124 dólares!

BOMPER COM O MONOPOLIO LANQUE

A compra do trigo soviético pelo Brasil é um exemplo frisante, entre muitos outros, a comprovar a inteira justiça do Programa do P.C.B. que diz de forma cristalina: «Os supremos interesses do povo brasileiro reclamam a

completa rutura com a política norte-americana, agressiva, guerreira e colonizadora. O Brasil só pode progredir tomando outro caminho: o caminho da colaboração pacífica com os países amantes da paz, do entendimento em pé de igualdade com todos os povos, da defesa intransigente de sua soberania e da independência nacional. Para ingressar neste caminho o Brasil precisa liquidar a odiosa dominação americana e estreitar as relações econômicas e culturais com todos os países que reconhecem e respeitam nossa independência, antes de tudo com a União Soviética e a China».

CLAMOR NACIONAL PELO REATAMENTO

O que o Programa do P.C.B. exige em matéria das relações comerciais e diplomáticas com a U. R. S. S. é a exigência de toda a nação. Recordemos uns poucos fatos. Inúmeras assembleias legislativas e câmaras municipais têm se manifestado pelo reatamento de relações: é o caso da assembleia de Pernambuco, de Mato Grosso, as câmaras municipais do Rio, de Niterói, de Petrópolis e inúmeras outras.

No mesmo sentido têm se manifestado personalidades representativas de todos os setores da vida nacional. Assim, o sr. Jorge Chama, presidente do Sindicato do Ferro, se manifestou pelo intercâmbio comercial com a União Soviética à base do reatamento de relações diplomáticas.

Quanto ao líder da maioria no Senado, Alvaro Adolfo, disse textualmente: «Precisamos de mercados, quaisquer que sejam. Não podemos perder a oportunidade que ora se nos oferece de negociar com um país que pode trazer grandes vantagens ao nosso comércio internacional.»

Cirilo Junior, ex-presidente da Câmara Federal, afirma categoricamente: «País de grande população, a União Soviética é para nós um excelente mercado. Creio que nos será vantajoso negociar com essa República.»

E as transcrições de pronunciamentos dessa natureza poderiam multiplicar-se indefinidamente. Nos últimos meses, industriais, comerciantes, jornalistas, escritores, operários, funcionários, estudantes, políticos, legisladores, pecuaristas, agricultores, representantes de todos os setores da vida nacional manifestaram-se, em grande número, pelo comércio do Brasil com a Pátria do Socialismo.

A PALAVRA DE PRESTES

O governo de Vargas resiste ainda, agarrado à defesa dos interesses antinacionais que representa. Em face dessa contradi-

O I CONGRESSO NACIONAL DE INTELLECTUAIS

O I CONGRESSO Nacional de Intelectuais que será realizado dentro de poucos dias em Goiânia destina-se à mais ampla repercussão em todos os setores culturais do país. O documento de convocação, assinado por centenas de escritores, músicos, jornalistas, pintores, cineastas, professores, teatrólogos, enfim, por representantes categorizados de todos os setores intelectuais, recebeu, posteriormente, novas e poderosas adesões que dizem perfeitamente da consciência, que cada dia se fortalece em nossa intelectualidade, da necessidade de defender a cultura brasileira, estimular seu desenvolvimento, promover o intercâmbio cultural com todos os povos e encaminhar os problemas éticos e profisionais dos intelectuais.

O dever cada dia mais imperioso de preservar o patrimônio cultural do Brasil e engrandecê-lo ainda mais, foi suficientemente forte para quebrar antigos desentendimentos e abrir, para todos, perspectivas realmente novas e brilhantes de uma luta comum em defesa de uma causa justa.

Os dez pontos do temário abrangem os principais problemas da cultura em nossa terra: desde os da liquidação do analfabetismo e os da democratização do ensino, aos que dizem respeito ao estímulo à pesquisa científica; desde a preservação das características nacionais da cultura brasileira, até o desenvolvimento das relações culturais com todos os povos, na base da reciprocidade.

Está claro que os participantes do Congresso não terão pontos de vista comuns sobre o encaminhamento prático de muitas questões, e soluções desiguais serão defendidas com ardor. Isso, em lugar de diminuir a importância da reunião, pelo contrário, a engrandece. Porque o Congresso não pretende plasmar a unidade de pensamento entre correntes ideológicas as mais diversas, mas, sim, forjar a ação comum de todos os intelectuais patriotas que sentem em todos os setores de sua atividade as consequências de uma política antinacional que se compraz em desfigurar tudo que é nosso e pretende degradar a cultura, patrimônio inviolável de nosso povo.

Os comunistas que estão nas primeiras filas em defesa da preservação nacional, embora tendo ponto de vista próprio sobre todos os assuntos do temário, comparecerão ao grande Congresso de Goiânia com o mais sincero espírito de colaboração com todas as correntes que lá se representem, movidas todas pela necessidade de salvaguardar e patrimônio cultural de nossa pátria ameaçado em todos os aspectos. Acentuar os pontos de vista comuns entre todos os intelectuais honestos será sua grande missão.

ção entre os supremos interesses da nação e o que faz o governo de traição nacional de Vargas, é oportuno lembrar a indicação de Prestes:

«A experiência já demonstrou que quando se trata da defesa dos interesses nacionais, e não de meras negociações, o sr. Vargas só se mexe empurrado pelo povo. É indispensável que o povo unido imponha sua vontade ao governo. Trata-se de defender os interesses da esmagadora maioria da nação. Todos os recursos devem para isso ser empregados — mensagens, comícios, demonstrações, etc — a fim de exigir do governo o reatamento de relações com a União Soviética. Sem essa pressão popular seria ingenuidade pensar que o sr. Vargas fosse capaz de se afastar da política suicida de isolamento do Brasil no campo internacional e de traição nacional que lhe é imposta pelos monopólios lanques e pelo Departamento de Estado norte-americano. Operários e camponeses, intelectuais, industriais, comerciantes e fazendeiros, patriotas e democratas de todas as classes e camadas sociais devem ser mobilizados e unidos para impor sua vontade. O povo unido é invencível e obrigará o governo a mudar de política, queiram ou não queiram os patrões lanques do sr. Vargas.»

Quanto aos comunistas, saberão cumprir o seu dever, lutando com decisão e energia em tão patriótica campanha.

Comunicado do PCB

O Comitê Estadual de Goiás do Partido Comunista do Brasil Comunista aos trabalhadores e ao povo que resolveu expulsar de suas fileiras Jeronimo Afonso Pereira.

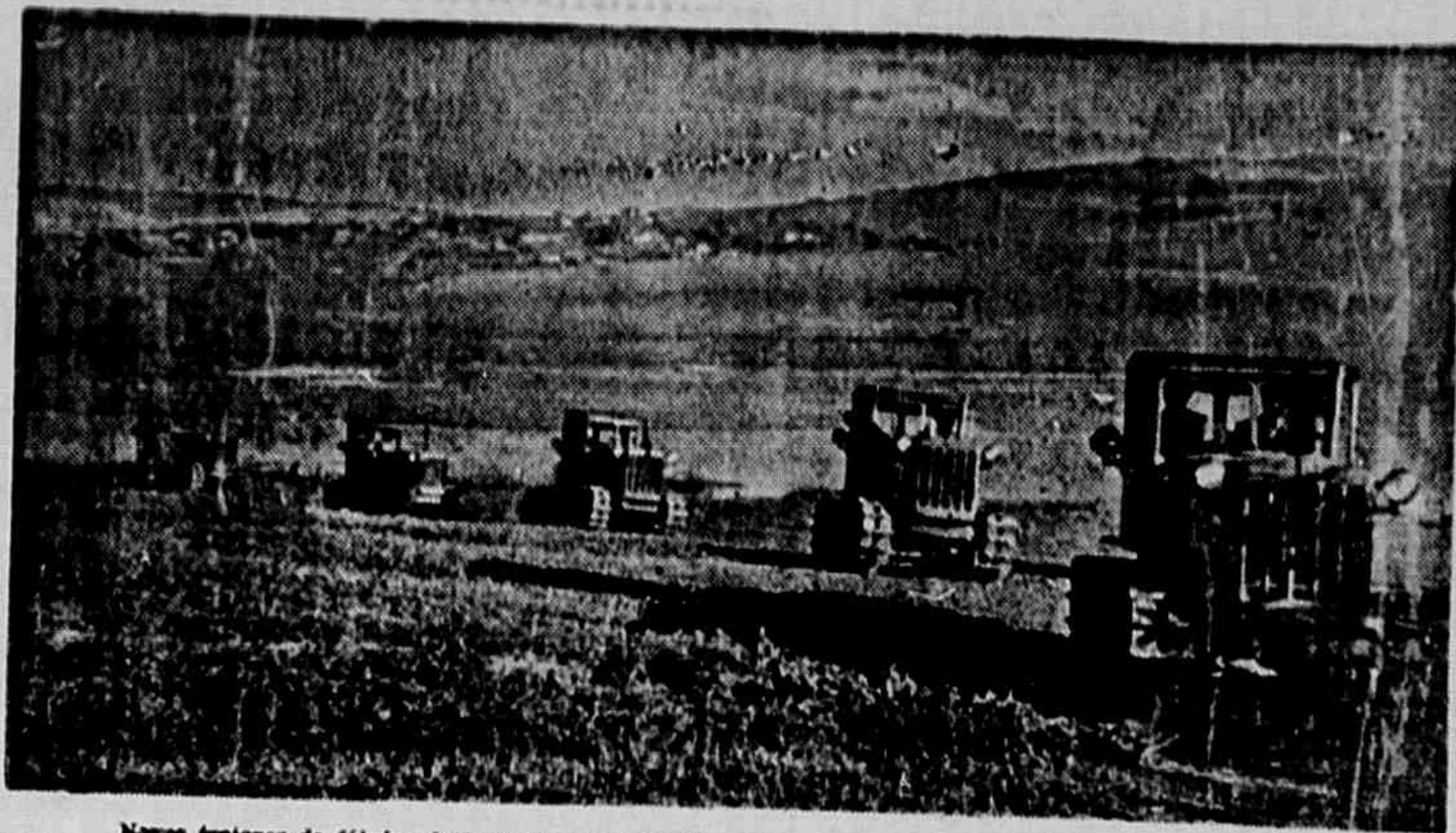
Frente ao inimigo de classe, Jeronimo Afonso Pereira revelou-se pusilânime e indigno do elevado título de membro do Partido Comunista. Além disso, com cinicas mentiras, procurou enganar o Partido a respeito de sua abjeta conduta frente à reação.

No Partido Comunista não há lugar para pusilânimes e reacionários.

O C. E. de Goiás do P. C. B. indica a todos os organismos e militantes que mantenham bem alta a bandeira da vigilância e da unidade, firmeza e pureza nas fileiras do Partido.

Novembro de 1953.

O C. E. DE GOIÁS DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL.



Novos tratores da fábrica de Karlov, em atividade nos campos do colcho «Vorochilov», Distrito de Bălți

Moldavia Soviética, A República Dos Hortos e Vinhedos

Condensação de um artigo de

G. RUD

Presidente do Conselho de Ministros da R. S. S. da Moldavia

A República Socialista Soviética da Moldávia é uma das mais jovens da U.R.S.S. Entre as Repúblicas Federadas, a Moldávia ocupa o nono lugar quanto ao número de habitantes e o primeiro quanto à densidade da população. Quase toda ela está situada entre os rios Prut e Dniéster, no extremo sudoeste do país.

Depois da libertação social e nacional do povo moldavo conquistada com a Grande Revolução Socialista de Outubro, a ajuda desinteressada das Repúblicas irmãs da União Soviética, a aplicação da política nacional leninista-stalinista e o trabalho abnegado do povo moldavo converteram a Moldávia num país socialista avançado.

Na R.S.S. da Moldávia existem hoje centenas de empresas industriais equipadas com maquinaria moderna de fabricação soviética. A indústria moldava produz motores de combustão interna, lagares de operação contínua, bombas, alambiques, máquinas para trabalhar madeiras e metais, champanha, conhaque, bem como um vasto sortimento de artigos da indús-

tria leve e da indústria de alimentação. Nada disso era produzido na velha Moldávia.

Atualmente foram tomadas medidas para incrementar o desenvolvimento da indústria de alimentação na Moldávia. Durante os três ou quatro anos próximos serão construídas, nas cidades e aldeias da República, dezenas de grandes

fábricas de vinhos e conservas, fábricas de azeite, refinarias de açúcar, fábricas de pão, etc.

A agricultura moldava também prospera. O Estado soviético dotou-a de abundante maquinaria. Nos campos da República são utilizados milhares de tratores, combinados e outras máquinas agrícolas complexas. Os colcoses da Moldávia são servidos por 108 estações de máquinas e tratores. Nove décimos do amanho e da sementeira de outono, bem como muitos outros trabalhos agrícolas são feitos com máquinas.

A vitória do regime colcosiano abriu novas perspectivas ao fomento dos cultivos industriais na República. Em 1951 e 1952 duplicaram as plantações de algodão, recém-introduzido na Moldávia, e que já ocupa dezenas de milhares de hectares. As plantações de beterraba açucareira, fumo, soja e girassol aumentam sem cessar. Desenvolvem-se também a sericultura.

A Moldávia é chamada com razão a república dos hortos e vinhedos. Nos últimos anos os colcoses e os sovcozes moldavos plantaram vinhedos, hortos em dezenas de milhares de hectares. Grandes extensões são ocupadas por videiras e árvores frutíferas, cuja produção é laborada industrialmente.

A Moldávia ocupa o primeiro lugar entre as Repúblicas da U.R.S.S. quanto à superfície dos vinhedos. Encontram-se na Moldávia a quarta parte das plantações de videiras da U.R.S.S..

Em 1951 a República cumpriu com antecipação o plano trienal de fomento da ganadaria coletiva em todas as pécies de gado e de aves. Em três anos o gado vacum

coletivo dos colcoses aumentou de seis vezes, o porco de nove vezes e o lanar de cinco.

Em 1951 os ingressos monetários dos colcosianos ascenderam de 55%. Os ingressos de muitos colcoses oscilam entre 1 milhão e 11 milhões de rublos. Atualmente, a quarta parte dos colcoses da Moldávia obtém ingressos de mais de um milhão de rublos.

O regime soviético tornou possível o extraordinário florescimento da cultura do povo moldavo, nacional pela forma e socialista por seu conteúdo. Há menos de dez anos, na parte da Moldávia que se encontra na margem direita do Dniéster, incorporada à República em 1940, três quartos partes da população não sabia ler nem escrever. Agora há na Moldávia 1.900 escolas primárias e médias. Pode-se dizer que terminou-se com o analfabetismo na República. Mais de... 14.000 jovens estudam em escolas técnicas e em centros de ensino médio especializado. Oito centros de ensino superior preparam especialistas qualificados para a economia nacional, formam novos intelectuais. Nos centros de ensino superior da Moldávia estão matriculados mais de... 10.000 estudantes. Funciona na Moldávia uma filial da Academia de Ciências da URSS e numerosos estabelecimentos de pesquisas científicas. Desenvolvem-se brilhantemente a literatura e a arte nacionais.

Nas cidades e aldeias da R.S.S. da Moldávia publicam-se mais de 170 jornais e revistas, 113 dos quais em língua moldava.

As obras dos clássicos da literatura russa e ocidental, bem como os livros dos melhores escritores soviéticos, editados em moldavo e em grandes tiragens, são hoje

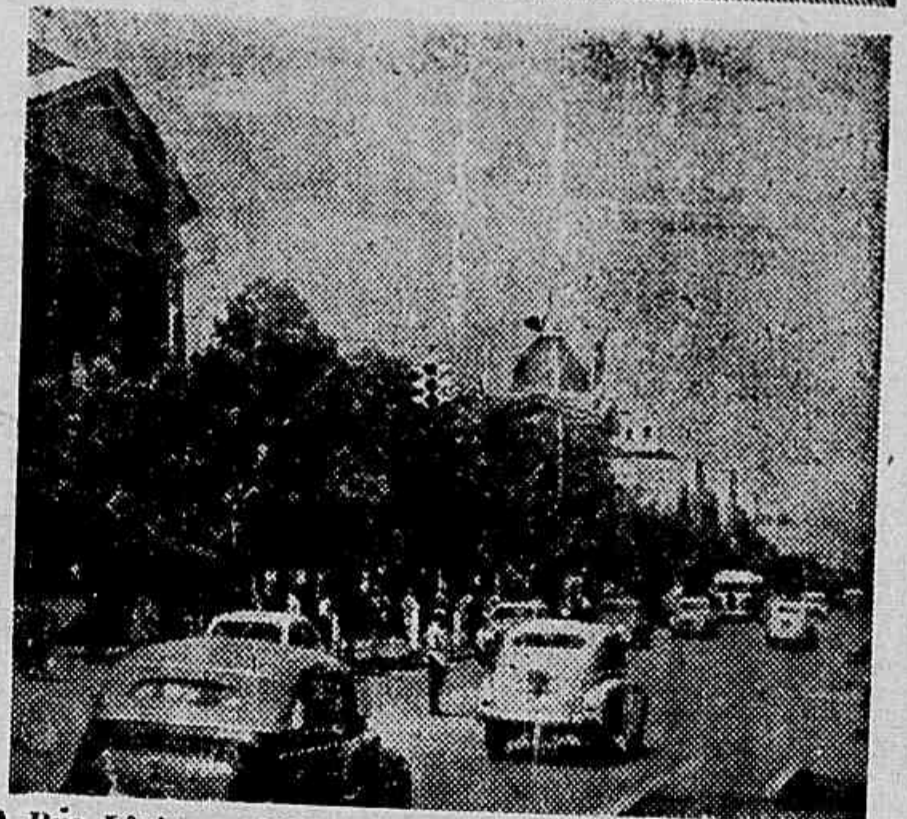
A Sindicalização Dos Trabalhadores Rurais

(CONCLUSÃO DA PAGINA 9)

rural e próprio movimento encetado pelos camponeses a decimento. Se esse ambiente dependesse da aquiescência dos latifundiários, é claro que os trabalhadores do campo jamais se organizariam. O direito à sindicalização rural é formalmente reconhecido pelas leis do país, mas ele deverá ser efetivamente conquistado e aplicado pelos trabalhadores. Será a aplicação desse direito que permitirá desenvolver entre os empregados rurais o espírito associativo e empreendedor. Os camponeses, ajudados e orientados pela classe operária, saberão dirigir as suas organizações. Libertados da tutela de seus exploradores, os camponeses desenvolverão o seu espírito associativo e empreendedor.

O nosso povo jamais gozou de efetiva liberdade. A liberdade de organização sempre foi negada, na prática, aos que trabalham na terra, embora desde a lei 979, de 6 de janeiro de 1903, o direito à sindicalização rural tenha sido formalmente reconhecido. Novamente, em 1914, através da lei 7.038 esse direito foi reconhecido. A Constituição Federal de 1916 estabelece que «é livre a associação profissional ou sindical...». Entretanto, são os próprios latifundiários que se levantam contra as leis do regime que defende os seus reacionários interesses de classe. Isto deve alertar os trabalhadores rurais e os sindicatos operários que os apoiam, para que o movimento pela sindicalização não seja entravado no campo pela reação. Torna-se evidente que, para ser vitorioso, este movimento deverá assumir, cada vez mais, um amplo caráter de massas, apoiado na mobilização e na luta de todos os trabalhadores agrícolas em torno de suas reivindicações econômicas e da defesa de seus direitos democráticos. A solidariedade militante das organizações da classe operária é um fator decisivo para derrotar todos os inimigos da liberdade de associação dos trabalhadores rurais.

Os comunistas, sempre dedicam especial atenção à tarefa de ajudar os camponeses em suas lutas e na criação das suas próprias organizações. Hoje, após o lançamento do Programa do Partido Comunista do Brasil, esta tarefa assume uma importância sem precedentes. O Programa do Partido ressalta o papel da aliança operário-camponesa, como base da frente única anti-imperialista e anti-feudal — a frente democrática de libertação nacional. A organização das amplas massas de camponeses, particularmente dos assalariados agrícolas e camponeses pobres, permitirá o rápido fortalecimento da aliança operário-camponesa e, conseqüentemente, a formação e a ampliação da Frente Democrática de Libertação Nacional. Nós, comunistas, somos os mais consequentes defensores das liberdades democráticas, por isso lutamos pelas liberdades de modo concreto. Os comunistas são defensores de primeira linha do direito de organização dos sindicatos rurais. Cabe aos comunistas mobilizar as amplas massas de assalariados agrícolas e camponeses pobres e ajudá-los a organizar os seus sindicatos. Cabe aos comunistas incentivar a solidariedade e a ajuda dos sindicatos operários aos trabalhadores do campo, para derrotar a campanha reacionária que os grandes proprietários de terra articulam contra a liberdade de organização. Que os operários e camponeses, unidos, lancem mão de todas as formas de protesto para fazer valer os seus direitos democráticos.



A Rua Lenin em Kishinov, Capital da República Socialista Soviética do Moldávia

patrimônio das amplas massas.

O bem-estar dos trabalhadores da Moldávia, da mesma forma que o bem-estar de todo o povo soviético, eleva-se continuamente. Nos seus primeiros anos do pós-guerra proporcionaram-se aos habitantes das cidades e po-

voados operários mais de... 330.000 metros quadrados de superfície habitável, construíram-se dezenas de escolas, estabelecimentos de saúde, bem como cinemas. Mais de 21.100 casas foram construídas nas localidades rurais da República.

A eletricidade e o rádio ganham cada vez mais terreno na vida rural da Moldávia. Multiplicam-se os vínculos entre a cidade e o campo, tornando-se ao mesmo tempo mais profundos e sólidos.

Na família fraternal dos povos da U.R.S.S., o povo moldavo trabalha abnegadamente para coroar a construção do socialismo e passar gradualmente ao comunismo.

Receba
GRATIS
2 exemplares
DEMOCRACIA POPULAR

Se você deseja estar informado sobre os principais acontecimentos internacionais, sobre como se desenvolve a luta pela Paz, e se deseja conhecer os grandes êxitos da construção pacífica dos países de democracia popular, então você precisa ler **DEMOCRACIA POPULAR**.

Se quiser receber gratuitamente os 2 últimos números de **DEMOCRACIA POPULAR**, preencha o cupom abaixo e envie para: **J. Z. SA' CARVALHO** — Rua do Carmo, 6 — Sala 1004 — RIO DE JANEIRO e será prontamente atendido.

NOME
ENDEREÇO
CIDADE
ESTADO

Os Milhões de Operários Brasileiros Sofrem Duras Privações...

— São de fome os salários pagos aos trabalhadores. Em 15 capitais brasileiras o salário-mínimo varia entre 500 e 700 cruzeiros. No Distrito Federal o salário-médio atual é de 1.200,00, quando os próprios da-

dos oficiais revelam que o mínimo indispensável à existência de uma família no Rio vai a 3.100,00.

Além disto, é cada dia mais baixo o salário real. De acôrdo com estatística da Associação Comercial de São Paulo, precisa-se hoje de 100 cruzeiros para comprar o que, em 1939, podia ser adquirido com 14 cruzeiros apenas.

— Novas formas de exploração são impostas aos trabalhadores. E' exigida dos operários uma intensidade cada vez maior no ritmo de trabalho. Nas minas de Novr Lima e Raposos, por exemplo, 5.000 operários dão, hoje, a mesma produção que era dada, até há poucos anos, por 8.000 trabalhadores. Além disto, vai se tornando comum, em muitas empresas, o prolongamento forçado da jornada de trabalho. A pretexto de assiduidade ao trabalho se estabelece contra o proletariado o monstruoso sistema de multas.

— Os operários vivem sub-alimentados, moram em casebres miseráveis, adoecem e morrem sem o menor socorro médico. O último relatório do Serviço Nacional de Tuberculose informa que a mais elevada taxa de tuberculose (3,5%) é encontrada nos parques proletários. Os Institutos e Caxas de assistência e seguro social não passam de grosseira demagogia e de motivos para vergonhosas negociatas. Só aos Institutos, o govêrno de Vargas deve mais de 12 bilhões de

cruzeiros, cêrca de um terço do Orçamento da União.

— Brutal repressão é desencadeada contra os trabalhadores. Em numerosas empresas os operários trabalham sob a permanente inspeção de policiais. Na Nitroquímica de São Paulo, do tubarão Lafer, por exemplo, existe uma policia interna formada por 200 capangas armados. As greves são violentamente reprimidas e o govêrno intervem nas organizações da classe operária e nas assembleias sindicais. Todo o país lembra ainda o assalto à mão armada realizado pelo govêrno de Vargas por ocasião da recente greve nacional dos marítimos.



Os sofrimentos e as privações a que está submetida a classe operária são uma consequência da dominação dos imperialistas norte-americanos sôbre a nossa pátria e da política de preparação para a guerra, de fome e terror policial realizada pelo govêrno de latifundiários e grandes capitalistas — o govêrno de Vargas

No Futuro Govêrno Democrático de Libertação Nacional

Melhoria Radical da Situação dos Operários

No projeto de Programa do P.C.B., destacam-se as seguintes medidas práticas, capazes de resolver a situação aflitiva, de opressão, exploração e miséria em que se encontra a classe operária sob o govêrno de Vargas.

- ★ Fixação do salário-mínimo vital que assegure condições de vida normais e humanas para os operários e suas famílias em todo o país. Salário igual para igual trabalho, sem distinção de sexo, idade ou nacionalidade.
- ★ Aplicação efetiva da jornada de trabalho de 8 horas e da semana de 44 horas para todos os trabalhadores. Jornada de 6 horas para os que trabalham no sub-solo ou em profissões insalubres e para os menores.
- ★ Democratização da legislação social, sua ampliação e extensão aos trabalhadores das empresas estatais e aos assalariados agrícolas. Os sindicatos fiscalizarão a justa aplicação da legislação social.
- ★ Garantia da livre organização e do livre funcionamento das organizações sindicais. Os sindicatos terão o direito de realizar livremente contratos coletivos de trabalho com as empresas privadas e estatais e de fiscalizar sua execução.
- ★ Assistência e previdência social por conta do Estado e dos capitalistas em tôdas as formas, incluindo os desempre-

gados. Aposentadoria e pensão, bem como auxílio aos acidentados no trabalho de acôrdo com as necessidades vitais dos trabalhadores e suas famílias. Administração e contrôle dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões pelos Sindicatos.

- ★ Abolição das formas de trabalho forçado, das leis de militarização do trabalho e de tôdas as multas, inclusive por motivo de falta ao trabalho.

«O Brasil necessita de outro govêrno, de um govêrno efetivamente do povo, capaz de defender os interesses da maioria esmagadora da nação... Este govêrno do povo será capaz de implantar um regime de plena liberdade e de democracia para o povo, de assegurar aos operários e demais trabalhadores suas conquistas e seus direitos, de garantir a tôda a população brasileira uma vida próspera, livre e feliz.»
(Trechos do Programa do P.C.B.)

Lutemos Pelo Govêrno Democrático de Libertação Nacional!

GANHA AS RUAS A LUTA PELO SALÁRIO-MÍNIMO

Numerosas assembleias em todo o Brasil, pela aprovação do salário apresentado pelas Comissões de Salário-Mínimo — Todos os setores de trabalho e sindicatos unidos pela conquista dessa reivindicação — Comissões Pró-Salário-Mínimo em cada empresa — Comícios e concentrações em praça pública em numerosas cidades — Os trabalhadores derrotarão a política de fome e a reação do governo de Getúlio

Reportagem de Stênio de Carvalho

«Só se lembram de falar em «circulo vicioso» — declarou-nos o tesoureiro do Sindicato dos têxteis do D. Federal — quando os trabalhadores pedem aumento de salários. Mas, os preços sobem, os lucros continuam a crescer e ninguém diz nada quando os trabalhadores passam fome. A conquista do mínimo de 2.400 cruzeiros atenuará nossa difícil situação, embora seja calculado como mínimo individual, num completo desconhecimento da existência dos membros da família que dele dependem. Mesmo assim, há uma resistência tremenda contra a sua concessão mas, os trabalhadores se unem para conquistá-lo».

UNEM-SE E ORGANIZAM-SE OS TRABALHADORES

De fato, milhões de trabalhadores em todo o Brasil movimentam-se em luta pelo salário-mínimo. No Distrito Federal, por exemplo, unem-se numa só força todos os sindicatos e organizações dos trabalhadores, principalmente depois da resposta de Getúlio declarando que só tomaria uma decisão após consultar os interesses «das classes conservadoras».

Dezenas de assembleias estão sendo realizadas nos sindicatos, pela aprovação do salário apresentada pela Comissão de Salário-Mínimo. Há indignação contra todas as manobras governamentais que visam reduzir o salário-mínimo em vista do elevado custo da vida.

A pressão exercida pelos trabalhadores cariocas levou a formar a Comissão Central pró-Aprovação e Execução do Salário Mínimo que incorpora todos os setores de trabalho e sindicatos, cada um dos quais já elegeu sua Comissão. O presidente da Comissão Central, Silvério Manoel da Silva, também presidente do Sindicato dos trabalhadores hoteleiros, ao lado de seus companheiros de outros sindicatos, desenvolve uma febril atividade. Na ocasião em que estivermos no Sindicato, ele não teve muito tempo para palear livremente conosco. Os telefones tilintavam. Ora um presidente de sindicato solicitava detalhes sobre a grande concentração da Esplanada do Castelo, confecção de cartazes, faixas e boletins, ora um membro da CISCAL Nacional pedia esclarecimentos sobre uma notícia falsa publicada no «Correio da Manhã» ou no «O Jornal» que estava criando confusão no plano de lutas pelo salário mínimo, etc., etc.

«Uma Comissão de trabalhadores daqui — disse-nos ele — seguiu para S. Paulo a fim de se entrosar com os companheiros paulistas para fortalecer o nosso poder de fogo. Governos que lá o movimento se avoluma. Mas, aqui também não ficamos atrás. Agora estamos realizando assembleias conjuntas de vários sindicatos».

POR UM NOVO SALÁRIO-MÍNIMO E PELA FIXAÇÃO DOS PREÇOS

Uma dessas grandes assembleias constituiu em êxito

sem precedentes. Trabalhadores de diversos setores, filiados aos mais diversos sindicatos, reuniram-se na sede do Sindicato dos Têxteis.

Na mais movimentada e concorrida assembleia dos últimos meses, os líderes sindicais, diretores dos sindicatos e de outras organizações de trabalhadores fizeram sentir a necessidade de uma grande mobilização dos trabalhadores para a conquista do salário-mínimo e do congelamento dos preços na base dos vigentes em 1953.

Por outro lado, formam-se as comissões de luta em cada empresa com uma grande celeridade, com o maior entusiasmo, não somente para mobilizar os trabalhadores para a grande concentração da Esplanada como para garantir a organização dos trabalhadores até a aprovação do salário mínimo e sua aplicação.

Nas ruas e pontos centrais da cidade, nas praças e de frente as estações ferroviárias, são lançados milhares de boletins, afixados faixas concitando os trabalhadores à luta.

Os operários do Curtume Carioca, em grande assembleia, votaram por unanimidade a paralisação do trabalho para seguirem incorporados à Concentração.

GETÚLIO QUER IMPEDIR A LUTA PELO SALÁRIO MÍNIMO

O que se passa no Distrito Federal, também ocorre no restante do país. Em Santos foi promovido um grandioso ato público na sede do Sindicato dos comerciários, ato que deveria realizar-se em praça pública como programado em assembleia anterior pela Comissão Intersindical de Santos.

A transferência da manifestação para a sede do Sindicato foi devido ao fato de que os governos de Getúlio e Garcez, inimigos dos trabalhadores, quiseram proibir. Tentando impedir a luta pelo salário mínimo eles



Estes trabalhadores da Fábrica de Calçados D.N.B. vivem em condições de trabalho miseráveis e percebem salários de fome, por isso, a conquista do salário-mínimo de 2.400 cruzeiros é a reivindicação que lhes colocam na ordem do dia.

na Praça Vieira, Cristo, no bairro de Cascatinha, realizando um comício contra a carestia e pela aplicação do salário mínimo de 2.400 cruzeiros aos trabalhadores petropolitanos.

Essa força faz encostar à parede o governo, com Getúlio à frente. O aumento de salário não vem trazer desemprego, nem tampouco aumentar o custo da vida. O desemprego já existe por força da política getuliana

de submissão aos trusts e monopólios americanos que sufocam nossa indústria e nosso comércio e buscam transformar nosso país em simples fornecedor de matérias primas para a guerra que preparam, colocando aqui seus produtos manufaturados. Quanto aos preços, não cessam de aumentar, muito embora os salários permaneçam os mesmos de anos atrás.

MOBILIZAÇÃO DOS TRABALHADORES PARA CONQUISTAR A VITÓRIA

A LUTA pelo salário-mínimo e contra a carestia ganha as ruas. O caminho para a vitória — como indica o Apelo da Confederação dos Trabalhadores do Brasil — é a maior mobilização operária, assembleias nos sindicatos e nas empresas, formação de Comissões de Fiscalização de sua aplicação, dentro dos sindicatos e nas fábricas, para que não seja burlado como está sendo o atual salário-mínimo.

Unidos e organizados, os trabalhadores derrotarão a política de fome e reação do governo, conquistarão o salário-mínimo exigido, e não consentirão no aumento dos preços das utilidades nem no desemprego.

O Programa Reflete os Interesses do Povo

LEVAR a debate o Programa do Partido Comunista do Brasil, por todo o país eis a tarefa do momento. O povo está interessado em conhecê-lo, torná-lo realidade, apoderar-se dele como o seu Programa.

O grande comando de venda da «Imprensa Popular» e VOZ OPERÁRIA, realizado domingo último nesta Capital, no lugar denominado Rocinha despertou a atenção de todos os moradores dali e comprova o que afirmamos. Durante várias horas, os componentes do Comando não só apregoaram as manchetes mas realizaram dezenas de palestras com grupos de 10 ou mais pessoas sobre pontos do Programa. Uma dessas reuniões constituiu um verdadeiro comício, pois mais de 100 pessoas participaram atentamente da palestra.

Todo o povo sente que o Programa do P.C.B. reflete os seus interesses. Nas fábricas, nos sindicatos estão acesos os debates. Os jornais de empresa passam a constituir uma tribuna para as discussões em torno do Programa. O jornalzinho «A Garrafa» pode comprovar a repercussão do Programa do P.C.B. no setor dos trabalhadores de fábricas de bebidas. Em recente entrevista àquele jornal de setor, os grupos de grevistas que se formavam no Sindicato que comentavam favoravelmente o Programa, declararam ao repórter que o Programa apresenta a única saída justa para a situação calamitosa em que se encontra a classe operária e todo o povo brasileiro.

As entrevistas e enquetes ajudam a divulgar o Programa e comprovam a

sua aceitação por parte dos brasileiros. São importantíssimas, por exemplo, as declarações do presidente do Sindicato dos Têxteis de S. Paulo, Nelson Rústici, ao matutino paulista «Notícias de Hoje»: «Li duas vezes o Projeto de Programa do P.C.B. e tenho a impressão de que o mesmo foi redigido com grande senso científico e conhecimento da realidade brasileira». E mais adiante: «Como patriota, sou forçado a estar de acordo com o que diz e afirma o Programa».

De fato, todos os brasileiros que desejam uma pátria livre e feliz, que lutam por condições de vida e de trabalho mais humanas, que se batem por uma verdadeira democracia para nosso povo, formarão em torno do Programa apresentado pelo Partido, lutarão para levá-lo à vitória.

Os trabalhadores têm manifestado seu entusiasmo pelo aparecimento do Programa. Ainda, há pouco tempo, na cerimônia de encerramento da Campanha dos 20 Milhões de Cruzeiros para os jornais de Prestes, na cidade de Santos, o orador Arlindo Lucena leu trechos do Programa que receberam calorosos aplausos.

Através de artigos, reportagens, entrevistas enquetes nas empresas e com personalidades, o povo vem demonstrando seu entusiasmo pelo Programa; os boletins, as palestras, as conferências têm contribuído para que novas camadas da população participem da luta por transformá-lo em realidade viva, para a felicidade de nosso povo e glória de nossa pátria.



Grande quantidade de material de propaganda está sendo colocada nas ruas e centros movimentados do Distrito Federal, visando a conquista do salário-mínimo de 2.400 cruzeiros e pela fixação dos preços na base de 1953